


LELE

JOÃO DA GAMA FILGUEIRAS LIMA

**Lelé em Brasília:
reverberações do trabalho
de um arquiteto construtor**





Dedicamos este trabalho aos futuros arquitetos que, ainda nos bancos das escolas, nem se dão conta do impacto social de seu fazer.

Projeto de educação e divulgação científica sobre o trabalho do arquiteto “brasiliense” pioneiro, João da Gama Filgueiras Lima, o Lelé.

Em comemoração dos 20 anos do Museu Virtual de Ciência e Tecnologia da Universidade de Brasília.



LELÉ POR LELÉ

“ A minha é uma história profissional das mais peculiares. Pode parecer incrível, mas não há nada no início da minha biografia indicando que um dia eu ia me tornar arquiteto. Na verdade, quase cheguei a me tornar um músico. O que houve foram coincidências ao longo dos anos que me ajudaram a seguir certos caminhos, a melhorar, por pura casualidade. Por que fui para Brasília? Por que fiquei amigo de Oscar Niemeyer? São coincidências, não são conquistas. Aconteceu comigo como poderia acontecer com qualquer outra pessoa. Se não fossem essas coincidências não teria feito nada do que fiz. Minha vida profissional se deve a uma sucessão de acasos”.¹

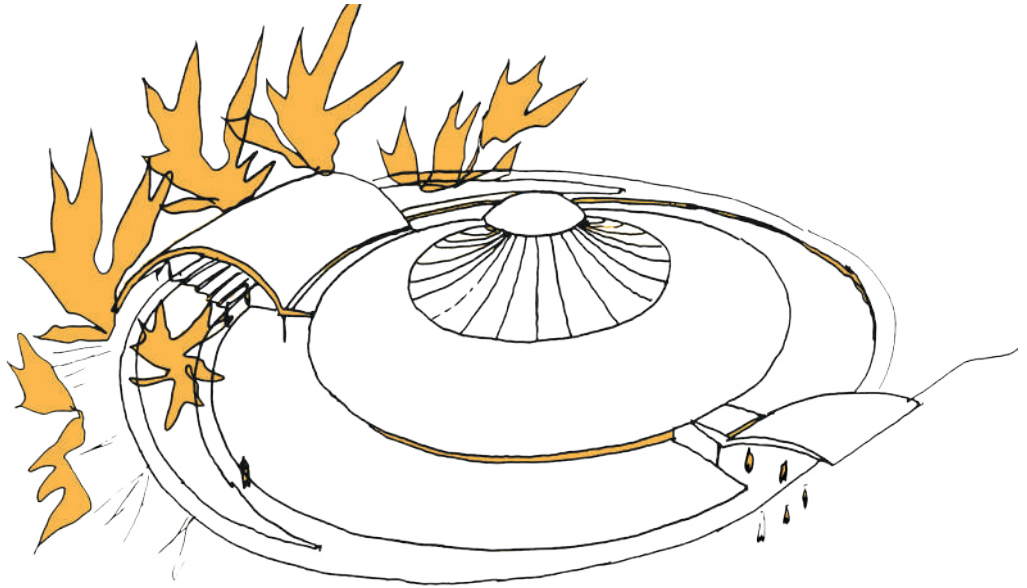












Memorial Darcy Ribeiro

SUMÁRIO

1. Lelé da cuca e a cuca do Lelé	23
2. Lelé em Brasília: caminhos de um arquiteto construtor.....	27
3. Lelé futuro: legado para as futuras gerações.....	37
4. Lelé para cuidar.....	43
5 Lelé para trabalhar.....	87
6. Lelé para estudar	121
7. Lelé para morar.....	141
8. Lelé para circular.....	163
9. Lelé para inspirar.....	185
10. Lelé para brincar.....	217
11. Agradecimentos e créditos.....	224
12. Agradecimentos institucionais.....	225





APRESENTAÇÃO

Lelé fez do canteiro de obras e do chão de fábrica uma extensão da atuação acadêmica na Arquitetura, no Design e nas Engenharias. Sob a batuta de Lelé, o operário volta a ter um papel primordial, tanto como agente realizador, quanto sujeito balizador de todo o processo. O projeto e as metodologias adotadas foram fruto da fusão e troca permanente entre o fazer e o pensar, retomando as ricas experiências ancestrais dos mestres artífices e seus aprendizes.

O seu gênio criador brotou da terra, junto e misturado às “cucas” dos que carregavam as pedras. Esta abordagem arquitetônica holística e fluida ficou impregnada nos objetos daí resultantes, interagindo e contaminando permanentemente o usuário, requalificando o abrigo, a proteção, o conforto ambiental e o cuidado.

Este livro-catálogo da mostra realizada no Museu Nacional da República, de 30 de novembro a 30 de janeiro de 2023, é focado em

Brasília, onde Lelé eternizou muitas das suas “pegadas”, e exemplifica categoricamente o seu enorme legado técnico e humanístico, e é dividido em 11 partes.

Na primeira parte, o arquiteto e professor da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo e Design da Universidade Federal de Uberlândia, Adalberto Vilela, discorre sobre os caminhos de Lelé em Brasília. Na segunda parte, o professor titular da Faculdade de Educação da Universidade de Brasília e coordenador-geral do projeto, Gilberto Lacerda Santos, discorre sobre o legado de João Filgueiras para as futuras gerações de Brasília e do Brasil e faz uma apresentação geral do projeto e de seus objetivos e produtos. Em seguida, é apresentado o catálogo da exposição, física e virtual, com os diversos segmentos do trabalho realizado. Primeiramente, tem-se um repertório não exaustivo das obras de Lelé em Brasília, realizado pelos fotógrafos Tarcísio Paneago e Maylena Clécia, que assina o projeto, dividido em cinco categorias: Lelé para cuidar

(hospitais e similares); Lelé para trabalhar (escritórios, concessionárias, embaixadas, etc.); Lelé para estudar (edificações acadêmicas e escolares); Lelé para morar (blocos em superquadras, residências, etc.); e Lelé para circular (parada de ônibus, passarelas, elevador no plano inclinado, entrada da Concha Acústica, equipamentos urbanos). Em seguida, temos a apresentação de um trabalho central nesta empreitada de divulgação científica. Trata-se das criações da artista plástica e designer Letícia Brasileiro, que elaborou estamparias e esculturas inspiradas na arquitetura desse arquiteto tão lelé da cuca quanto ela própria. Mais adiante, na seção intitulada “Lelé para brincar” são apresentados alguns jogos e artefatos lúdico-educativos originalmente concebidos para o projeto: um jogo de carimbos coloridos, que chamamos de Carimbolé (Letícia Brasileiro) e um jogo de peças para montar, que chamamos de Lelego (Atelier A Dupla - Rodrigo Mafra e Natália Calamari - e Maylena Clécia).

Vivenciar neste trabalho uma abordagem informal e lúdica da obra do Lelé, começando pelo nome “Lelé da Cuca”, tem o propósito de

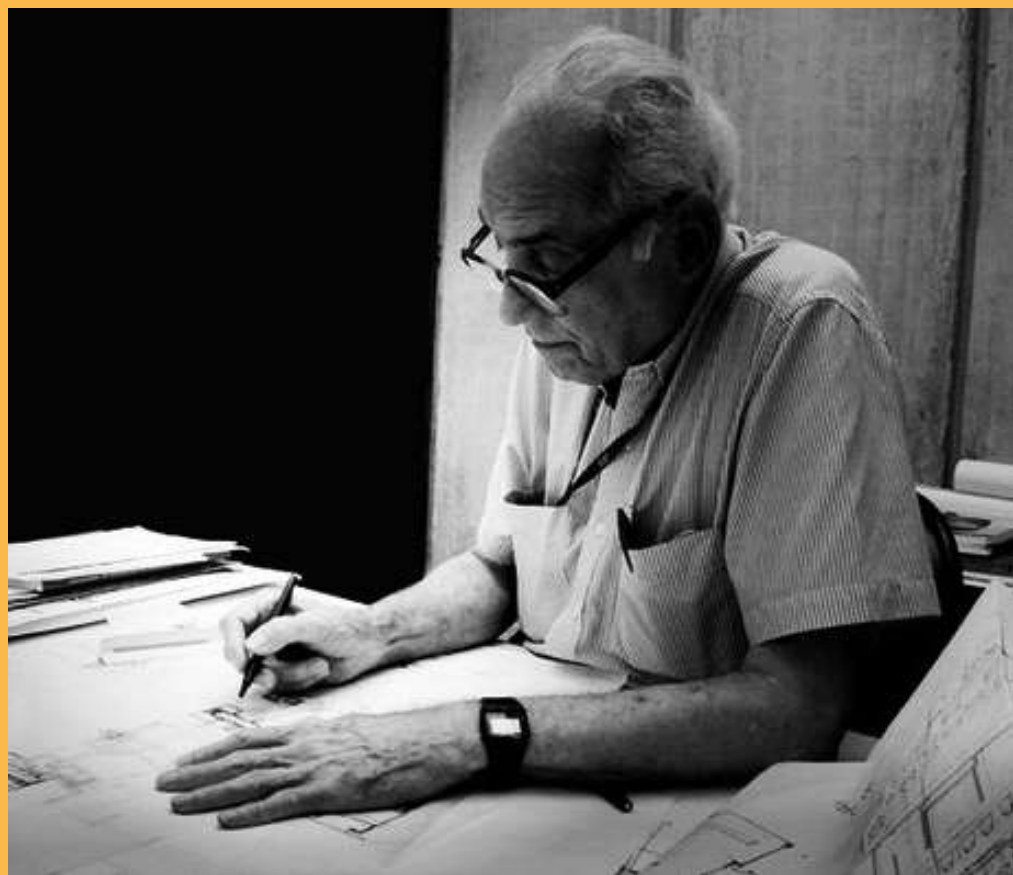
aproximá-lo dos não iniciados, além dos mi-lhões já beneficiados, direta ou indiretamente, com o seu importante legado, que certamente ainda afetará positivamente muitas gerações.

TONI CUTOLO
Arquiteto









1

LELÉ DA CUCA

e a cuca do Lelé

João da Gama Filgueiras Lima (Rio de Janeiro, RJ, 1932 – Salvador, BA, 2014) foi um dos maiores nomes da arquitetura brasileira, com reconhecimento mundial. Conhecido como Lelé, apelido que ganhou por jogar na mesma meia-direita que o famoso artilheiro Lelé, do Vasco da Gama, iniciou sua carreira ao lado de Oscar Niemeyer na construção de Brasília. Formou-se em 1955 na Faculdade Nacional de Arquitetura, no Rio de Janeiro. Recém-formado, trabalha como desenhista no Instituto de Aposentadoria e Pensão dos Bancários (IAPB) e, em 1957, recebe a missão de conduzir a construção da primeira Superquadra de Brasília, a 108 Sul. Foi então que Lelé se mudou para a futura capital do Brasil, no início da construção, cidade que adotou como sua. Entre os anos 1960 e 1970, após uma extensa colaboração em projetos de Oscar Niemeyer, como o Instituto Central de Ciências da Universidade de Brasília, Lelé realiza seus primeiros projetos autorais na cidade:

residência Cesar Prates (1961), os prédios de apartamentos funcionais Colina (1962) e as sedes das montadoras Disbrave-Volkswagen (1965), Planalto Automóveis-Ford (1972) e Codipe-Mercedes Benz (1973), usando sistemas pré-fabricados de construção em série.

Lelé trabalhou na Universidade de Brasília de 1962 a 1965, quando pediu demissão junto com 223 professores e servidores, em protesto contra a repressão na Universidade, em decorrência do golpe de Estado e do regime militar que se instaurava no país.

Juntamente com o antropólogo e educador Darcy Ribeiro, Lelé percorreu o Leste Europeu para investigar a tecnologia de racionalização do uso do concreto armado, utilizada por países como União Soviética, Tchecoslováquia e Polônia, então dominados pelo regime socialista. Destas incursões surgiram, dentre outros, o projeto do Hospital Regional de Taguatinga (1968).



Lelé e Oscar
Niemeyer.1997

A partir de 1980, Lelé atuou como diretor do Centro de Tecnologia da Rede Sarah (CTRS), onde desenvolveu os projetos e acompanhou a execução dos hospitais da Rede, além de projetos de mobiliário hospitalar. No âmbito de sua atuação junto ao CTRS, Lelé trabalhou também na construção de sedes do Tribunal de Contas da União em diversas cidades, como Salvador, Aracaju, Cuiabá, Teresina, Natal, Rio Grande do Norte, Vitória e Belo Horizonte.

Após um período atuando em Salvador, Lelé foi reintegrado à Universidade de Brasília em 1990, quando se aposentou.

Em 2003 recebeu o título de doutor *Honoris Causa* da Universidade Federal da Bahia.

Na década de 1990, ocupou-se da concepção e da construção dos Centros Integrados de Atenção à Criança (CIACs), criados por Lelé e sua equipe e encampados pelo então presidente Fernando Collor.

Em 2001, recebeu o Grande Prêmio Latino-Americano na 9ª Bienal Internacional de Arquitetura e por duas vezes o Prêmio da Bienal Ibero-Americana de Arquitetura e Engenharia (em 1998 e 2002).

Em 2011, Lelé realizou um sonho antigo deixado pelo amigo Darcy Ribeiro: a construção do “Beijódromo”, memorial que abriga a Fundação Darcy Ribeiro, no *campus* homônimo da Universidade de Brasília.

Em 2012, Lelé recebeu a Medalha de Ouro da Federação Pan-Americana de Associações de Arquitetos, a mais importante premiação de arquitetura das Américas.

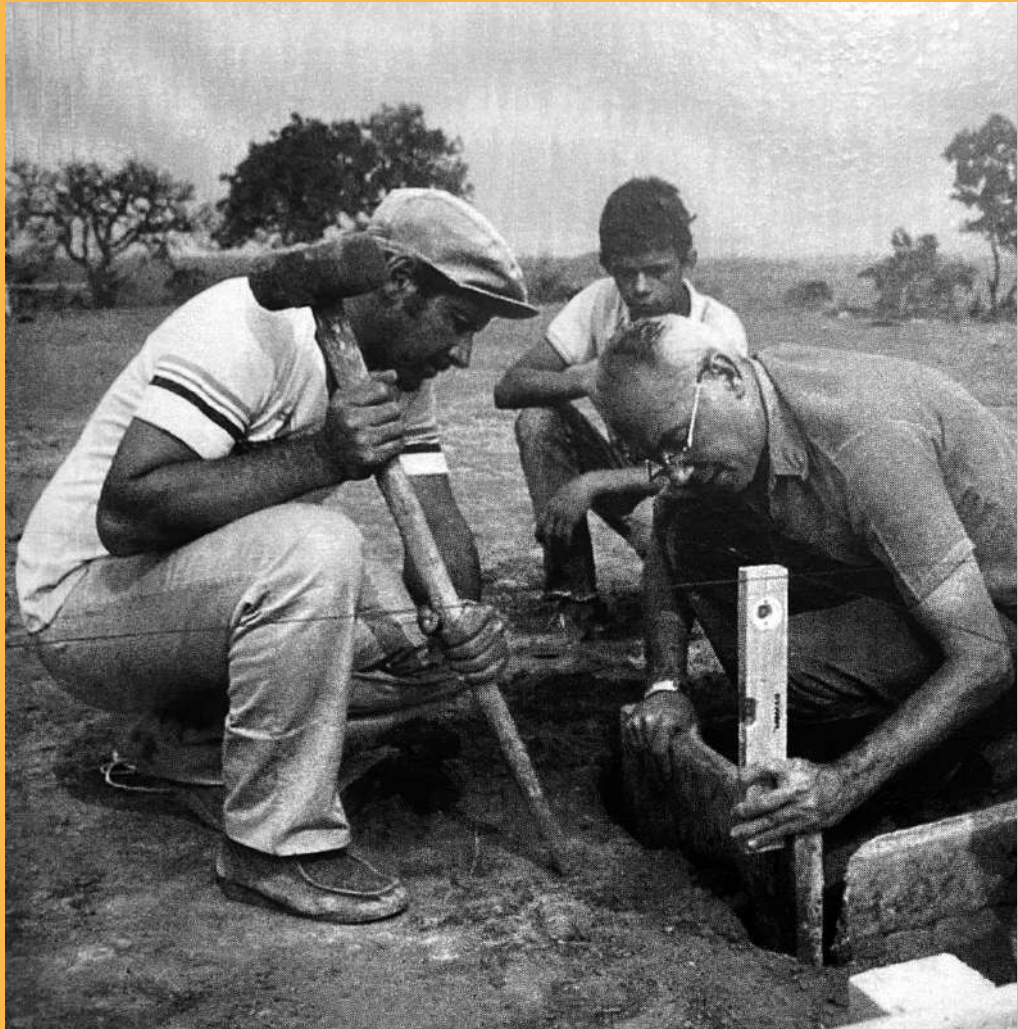
Em 2013, foi um dos vencedores do Prêmio Jabuti com o livro “Arquitetura: Uma Experiência na Área da Saúde” (Ed. Romano Guerra).

Em 21 de maio de 2014, faleceu vítima de complicações de câncer de próstata, aos 82 anos, em Salvador.

Lelé sempre projetou à frente de seu tempo. Sua arquitetura, por traduzir sustentabilidade ambiental, econômica e social é modelo para uma atuação mais comprometida com a realidade do país. Seus projetos apontavam para uma sociedade eficiente, justa e bonita.



Núcleo Bandeirante , Brasília, 1958.



2

LELÉ EM BRASÍLIA

Caminhos de em arquiteto construtor

Adalberto Vilela

Arquiteto e professor da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo e Design
Universidade Federal de Uberlândia

“Há que se se aprender a imaginar o objeto e ao mesmo tempo inventar a sua construção.”

Joaquim Guedes

Qual a relação entre arquitetura, desenho, trabalho e cidade? Como a obra de Lelé reverberou para além dos limites da arquitetura? Como falar de pré-fabricação para jovens adultos e adolescentes do Distrito Federal se os exemplos que muitos conhecem, em sua maioria escolas, não envelheceram bem (para não dizer que estão em péssimas condições)? Como ampliar o debate em torno de Lelé sem recorrer ao deslumbre cego², mas entendendo-o dentro de um contexto mais amplo, muitas vezes repleto de reveses? Estas são algumas perguntas que nos cercam, e nos desafiam, no momento em que se organizam a exposição e o catálogo “Lelé em Brasília: reverberações do trabalho de um arqui-

teto construtor”, conduzidos por uma equipe multidisciplinar coordenada pelo professor Gilberto Lacerda (FE UnB).

Brasília é fruto de algumas mentes e de inúmeras mãos. Pode-se dizer que o arquiteto João da Gama Filgueiras Lima (1932-2014) transitou, com desenvoltura, pelo pensar e o fazer na Capital Federal, aonde chegou em 1957 aos 25 anos “para construir, não para projetar”³, como ele mesmo dizia. O jovem funcionário do Instituto de Aposentadoria e Pensão dos Bancários (IAPB) tinha nas mãos a árdua tarefa de erguer a primeira Superquadra de Brasília, a 108 Sul, reservada ao alto escalão do funcionalismo público e fi-



Figura 1. Lelé nas fundações da SQS 108 c. 1958. Acervo Instituto JFL, Brasília.

nanciada pelo então Departamento Nacional de Previdência Social (DNPS).⁴

Retratado por historiadores, arquitetos e críticos com uma certa aura heroizante, o episódio revelou o custo – pessoal e profissional – que o ritmo de Brasília imprimia aos



Figura 2. Lelé com os pais no Rio de Janeiro. Acervo Instituto JFL, Brasília.

trabalhadores, sobretudo àqueles advindos das camadas mais baixas na hierarquia da construção civil. Arquiteto diplomado, egresso da turma de 1955 da então Faculdade Nacional de Arquitetura da Universidade do Brasil, atual FAU da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), Lelé não foi exceção.

De origem humilde⁵ e sem a infraestrutura necessária para desenvolver os trabalhos, precisou improvisar e aprender com os livros que trouxe do Rio de Janeiro: “de noite eu pegava o lampião e ia estudar como é que era a fundação; estudava feito um desesperado”.⁶

Lelé aprendeu também com aqueles que o cercavam, do carpinteiro ao engenheiro mais graduado, observando detalhes e soluções técnicas simples, porém sofisticadas, que mais tarde seriam incorporadas ao seu próprio vocabulário construtivo. No auge de suas fábricas de pré-moldados (1979 em diante), apesar de ter assumido para si o controle de todo o processo de materialização da arquitetura – concepção, produção e montagem –, Lelé sempre estimulou a autonomia de suas equipes, seja a partir de soluções em desenho, fabricação ou construção.

Aceitar o mito do envolvimento fortuito do arquiteto com a pré-fabricação em Brasília é, portanto, impossível na medida em que desvinculamos a imagem da cidade de um grande canteiro de obras onde a racionalização era ditada pela economia de meios e prazos exíguos, e passamos a percebê-la como uma trama complexa de relações entre pessoas

(e empresas de todo porte). Engenheiros, carpinteiros, construtoras (como a Rabello e a Christiani-Nielsen, por exemplo) contribuíram, e muito, para a formação prática de Lelé e tantos outros que vivenciaram a epopeia de Brasília no final dos anos 1950, ainda que à custa de muito sacrifício.

A fama de bom construtor já se espalhava por Brasília antes mesmo de Lelé integrar a equipe de Oscar Niemeyer para os trabalhos na UnB. A partir de 1962, o arquiteto já ocupava cargos na Universidade⁷, já havia concluído obras autorais⁸ e havia se estabelecido com a família na Asa Sul⁹. Envoltos por uma aparente atmosfera de paz e tranquilidade, a relação de Lelé com Brasília extrapola os avanços obtidos no campo da pré-fabricação¹⁰ e se mostra um caminho turbulento, repleto de percalços e contradições, algo que, segundo Recamán, seria intrínseco à própria cidade:

“Essa dimensão contraditória [da falta de lugar próprio para os construtores da cidade] está então na sua origem como fato social e arquitetônico, não sendo simplesmente um erro logístico de empreendedores afoitos. Milhares de trabalhadores não puderam ser considerados no projeto, mas seu trabalho sim – e esse



Figura 3. Sacolândia, c. 1958. Marcel Gautherot. Acervo do Instituto Moreira Salles, Rio de Janeiro.

fato foi celebrado como um episódio heroico e popular sacrificial (os “candangos” pioneiros). Não se trata aqui de aludir às injustiças pontuais, que são muitas e agravadas, mas de indicar que esta contradição está na relação direta entre o desenho e sua concreção, ou seja, produziu o desenho, em todas as suas nuances e escala.”¹¹

Curiosamente, e após ter algumas de suas proposições refutadas¹², as adversidades vivenciadas por Lelé em Brasília de alguma maneira contribuiriam para instigar no arquiteto um olhar mais atento para o canteiro de



Figura 4. Sacolândia, c. 1958. Marcel Gautherot. Acervo do Instituto Moreira Salles, Rio de Janeiro.

obras e a produção da arquitetura, visto que aos poucos procurou simplificar as atividades envolvidas nas etapas de construção.

Entre o final dos anos 1960 e durante toda a década de 1970, a produção de Lelé em Brasília (assim como na Bahia) refletia não apenas a pujança do chamado “milagre econômico”¹³ (1968-73), mas também a estética das obras públicas realizadas durante a ditadura militar no Brasil. Se por um lado o uso extensivo do concreto aparente nos projetos e a adoção

de soluções estruturais robustas denotam a crença inequívoca de Lelé na tecnologia – como elogio ou mesmo uma demonstração de força –, por outro apontam que o caminho mais profícuo na trajetória do arquiteto desembocaria em uma vertente, digamos, menos monolítica de sua arquitetura.

Dentre as obras produzidas em Brasília durante esse período de ode ao concreto destacam-se: as residências para o ministro de Estado (1970) e José da Silva Netto (1973), no Lago Sul; o edifício-sede da Portobrás (atual Dataprev), de 1973, na L2 Sul; além do próprio hospital Sarah (1976), originalmente conhecido como HDAL – Hospital de Doenças do Aparelho Locomotor, localizado na via W3 Sul.

Em um segundo momento, mais especificamente a partir de 1980, Lelé passa a projetar, produzir e construir edifícios, componentes e mobiliário urbano com base na tecnologia da argamassa armada, estudada desde a década de 1960 na Escola de Engenharia de São Carlos (EESC/USP) e aplicada pela primeira vez na obra do arquiteto nos *sheds* do edifício oficina para a Ford Planalto de Automóveis (1972), no final da W3 Norte. Na década se-

guinte, a argamassa que comparecia de maneira acessória na arquitetura de Lelé passa a assumir um papel de protagonista, concentrando, enquanto material principal, todos os esforços na produção de um catálogo diverso de componentes e sistemas.

Bastante presente no cotidiano das cidades, as obras desse período se espalharam por todo o Distrito Federal na forma de escolas primárias, prédios administrativos, abrigos de ônibus, bancos e passarelas. Em tese, o desenvolvimento dos elementos pré-moldados desses projetos foi pensado para se adequar ao manuseio humano, desvinculando-se, portanto, do maquinário pesado (como guias e caminhões Muncks). Ainda que algumas peças de argamassa armada beirassem os 500Kg (caso das pestanas de proteção solar dos CIACs) ou mesmo ultrapassassem essa marca (como as vigas calhas, cobertura e pilares dos abrigos), em geral, eram peças de dimensões razoáveis e pesos compatíveis com o trabalho manual.

O laboratório dessa mudança sentida nos materiais e na expressão de sua arquitetura se deu nos arredores de Brasília e após se



Fig. 5. Publicidade da Novacap na construção dos CIACs. Conjunto inaugurado em 18 de outubro de 1991, Paranoá, Brasília. Correio Braziliense, 19/9/91. Acervo Aires Carvalho.

desligar dos trabalhos em Salvador. Por volta de 1982, Lelé se uniu a outros profissionais para desenvolver um projeto coletivo, e voluntário, em Abadiânia. Eram outros tempos, e a empreitada assumia um viés social, religioso, ideológico, político e tecnológico, corporificada em projetos, como a Escola Transitoria Rural, que pressupunha transformações não apenas na pequena cidade do interior de Goiás, mas em todo o Estado.

A experiência interrompida de Abadiânia, ponto de inflexão na carreira de Lelé, acabou florescendo no Rio de Janeiro por meio de uma

parceria estreita entre política e arquitetura.¹⁴ A ditadura estava nos seus últimos momentos e a redemocratização do país era inevitável.

É neste contexto que, após ter colaborado com Darcy Ribeiro e Leonel Brizola na capital fluminense, Lelé volta a Brasília em 1985 para fazer coro ao chamado do governador José Aparecido de Oliveira (1985-88) para uma série de intervenções na cidade, capitaneadas por Oscar Niemeyer e Lucio Costa. A Lelé coube o plano de produção em massa de edifícios escolares, administrativos, mobiliário urbano e passarelas que se espalhariam pelo Distrito Federal para suprir necessidades específicas de cada localidade. Este foi o pano de fundo para construção da fábrica de pré-moldados da NOVACAP na Ceilândia (1985-94), organizada para alavancar a produção de componentes em argamassa armada em toda Brasília.

A partir desse momento, a obra pública de Lelé em Brasília se dissipa pelo território do DF. Deixa de se concentrar no centro e passa a ocupar também regiões mais periféricas, num processo que contribuiu para difundir institucionalmente a tecnologia, mas também

para reforçar o caráter social de sua arquitetura. A própria sede da Novacap¹⁵, localizada às margens da Estrada Parque Indústria e Abastecimento (EPIA), ainda conta com prédios de Lelé em seu *campus* administrativo. Não por acaso, a decisão de construir o primeiro protótipo dos Centros Integrados de Atenção à Criança (CIAC) nos arredores de Brasília, mais precisamente na Vila Paranoá – acampamento operário remanescente da construção da barragem do lago homônimo – coincide com o momento em que a antiga vila passa a se reconfigurar como Região Administrativa (RA-VII).¹⁶

É sabido que a história dos CIACs não acaba bem. Com exceção de um grupo de empresas que se beneficiou dos desmandos administrativos decorrentes das licitações e execução dos serviços, governo e arquiteto saíram desgastados do programa Minha Gente, que deu origem ao projeto. Ao primeiro coube um processo de *impeachment* e posterior cassação de mandato um ano após a inauguração da primeira escola ao segundo, e sua equipe, mais uma frustração em decorrência do desvio político na obra. Antes mesmo do escândalo vir à tona, Lelé, que

sempre se manteve fiel à proposta técnica, se retirou como coordenador técnico do projeto ao primeiro indício de irregularidades, e se refugiou em Salvador para tratar da própria saúde, abalada por tantos dissabores.

Daí em diante a argamassa armada perde seu papel de protagonista na arquitetura de Lelé, que passa a privilegiar o aço como material empregado nas estruturas e, sobretudo, nas coberturas, um dos pontos de maior fragilidade no sistema anterior. As telhas (capa e canal) e as aberturas nos tetos das escolas (protegidas por *sheds*) funcionam como um conjunto, com muitos encaixes e algumas junções fixadas por parafusos (caso dos *sheds*), tudo praticamente feito em argamassa armada. Neste sistema, as águas pluviais são drenadas por um espaço relativamente pequeno, localizado entre a placa de cobertura para isolamento térmico e a telha padrão, nervurada. Qualquer obstrução nesse espaço causa um enorme prejuízo. No final das contas, o bom funcionamento do sistema de escoamento das águas pluviais naquelas escolas estava condicionado a manutenções periódicas, algo pouco comum no Brasil, sobretudo em edifícios públicos escolares.



Figura 6. Alunos usam guarda-chuvas dentro de sala de aula em escola municipal de Duque de Caxias, RJ. Fonte: Folha de São Paulo. 22.8.2023.

Ciente de que as junções representam o calcanhar de Aquiles de qualquer sistema de construção pré-fabricada, Lelé parte para a adoção de coberturas mais leves, em aço, compostas por treliças e grandes superfícies de telhas calandradas, reduzindo significativamente peso, juntas e conexões. Curioso, portanto, é ver como essas escolas de argamassa armada ainda estampam os jornais, ainda que em tons de denúncia. Em matéria recente intitulada “Alunos usam guarda-chuvas dentro de sala de aula no RJ” chama mais a atenção um determinado comentário relacionado à notícia do que o fato de se tratar de uma escola projetada por Lelé e construída durante o governo Brizola no estado

(1983-87/1991-94). Na opinião do leitor, a “foto histórica” (Figura 6) “diz muito sobre o que somos como sociedade e país.”¹⁷

Identificar, simplesmente, os motivos que conduziram a esse estágio de descaso com a coisa pública, e à indignação por parte da população, afetada diretamente pelo problema ou não, “é um esforço sem alvo e interminável”¹⁸, assim como era a própria definição de vida na visão pessimista de Schopenhauer. Na contramão do filósofo alemão, e apesar das agruras acumuladas ao longo da vida, Lelé se mostrou altivo e resiliente diante de seus erros e fracassos, e nunca os escondeu. Pelo contrário, trabalhou com o intuito de re-

fazer, ajustar, aperfeiçoar, em um ciclo que, se por um lado define sua própria atuação enquanto construtor, fabricante e artesão, por outro busca, determinada e incessantemente, “superar a oposição binária entre industrialização e humanização.”¹⁹ Assim, segundo Ana Luiza Nobre:

“...quando encontrou dificuldade de mão de obra, concebeu cartilhas ilustradas para a formação de operários. E quando percebeu que a divisão do trabalho tendia a isolar o trabalhador do produto final, introduziu um rodízio, de modo que o operário que trabalhava na fabricação de uma peça na Bahia pudesse integrar-se à montagem dos componentes no Rio de Janeiro, no Ceará ou no Maranhão.”²⁰

Lelé escolheu o caminho da arquitetura pública não apenas por seu insucesso confesso como empreendedor,²¹ mas talvez por acreditar que assim, enquanto arquiteto a serviço do Estado, pudesse ampliar o alcance da proclamada função social da arquitetura. João Filgueiras Lima foi um arquiteto que sempre esteve próximo da educação, começou sua vida profissional em uma universidade (lecionando e construindo uma) e almejou durante a vida a tão sonhada fábrica-escola,

lugar onde o ensino de arquitetura estivesse associado à produção industrial.

Em uma entrevista a um grupo de estudantes em 2007, Lelé é perguntado se a manutenção do edifício é levada em consideração na concepção do projeto. Na resposta, foi enfático: “Sim, logicamente.”²² E escolhe justamente o exemplo das escolas de argamassa armada para continuar sua fala: “Está muito arraigado no pensamento do arquiteto que sua obra será eterna – como as pirâmides dos faraós, para que as novas gerações o achem um gênio.”²³ Hoje sabemos que aquelas escolas foram construídas com o objetivo específico de resolver o problema da implantação de edifícios escolares de baixo custo nas regiões de favelas, de forma transitória (e não provisória) e com vida útil aproximada de vinte anos. Embora não tenha resolvido o referido problema – pois as carências de infraestrutura educacional ainda saltam aos olhos nas comunidades brasileiras –, Lelé aponta um caminho em que o aperfeiçoamento da arquitetura e o avanço da tecnologia, pressupõem mudanças. A estática, exceto nos domínios da mecânica clássica, realmente nunca foi do seu feito.

3

LELÉ FUTURO

legado para as futuras gerações de Brasília e do Brasil

Gilberto Lacerda Santos

Educador, divulgador científico, Professor Titular da Faculdade de Educação
Universidade de Brasília

A história de Brasília, esta ainda tão jovem capital do Brasil, é repleta de personagens ocultos ou que se tornaram ocultos ao longo do tempo. Não me refiro aqui aos milhares de candangos, que vieram de toda parte movidos pelo sonho de Eldorado e também pelo deslumbramento de se construir uma cidade do nada, no coração deste gigantesco país. Esses, de uma maneira ou de outra, mesmo sem terem seus nomes necessariamente conhecidos, permanecem no imaginário coletivo, possuem áreas reservadas em cemitérios, estátuas comemorativas e são reverenciados em milhares de registros fotográficos do final dos anos 50 em diante.

Refiro-me, especialmente, àqueles que contribuíram com as diferentes facetas da concepção da cidade inventada por Lúcio Costa, o criador do Plano Piloto de Brasília, vencedor de um concurso nacional de projetos que mobilizou 62 candidatos inscritos e 26

propostas apresentadas, dentre os quais uma única liderada por mulher, a arquiteta Sonia Marlene de Paiva. Temos nesse grupo gerador de Brasília, primeiramente, aqueles que constituem a tríade comumente evocada quando se fala na construção da capital: Oscar Niemeyer, Athos Bulcão e Burle Marx. E temos, também, um grupo de mulheres e homens das artes visuais, artes plásticas, artes decorativas, literatura, convidados para contribuir com elementos cruciais que hoje são definidores de Brasília, como Marianne Peretti, Alfredo Volpi, Sérgio Rodrigues, Cândido Portinari, Alfredo Ceschiatti, Bruno Giorgi, Manoel Bandeira, Carlos Drummond de Andrade, Francisco Assis Barbosa, Celso Cunha, Antonio Houaiss, Edson Nery da Fonseca e João da Gama Filgueiras Lima, o Lelé.

Dentre todos os citados, este último, o Lelé da arquitetura original, inovadora, humana, saudada por grandes arquitetos do Brasil e

do mundo, é o foco deste trabalho de divulgação científica, em que homenageamos a potência, a originalidade e a universalidade de seu trabalho e buscamos lançar luzes sobre um arquiteto que se tornou uma figura oculta dentre os construtores de Brasília, praticamente ignorado pelas novas gerações.

O projeto Lelé da Cuca celebra, assim, a cuca criativa de Lelé e sua contribuição para a constituição de Brasília como uma cidade moderna, única no mundo, de expressão internacional. Por se tratar de um projeto de divulgação científica, buscamos identificar algumas reverberações do trabalho do Lelé, permitindo-nos ir além da mera compilação de obras arquitetônicas. Nessa perspectiva, embora tenhamos procurado repertoriar a quase totalidade do trabalho de João Filgueiras no Distrito Federal, por meio de fotografias de arquitetura realizadas por Maylena Clécia Gonçalves e Tarcísio Paniago, apresentamos, como produto de nosso empreendimento, uma série de reverberações do trabalho de Lelé em fotomontagens do artista visual Tarcísio Paniago; em um jogo para montar batizado de Lelego e elaborado por Maylena Clécia e pela Dupla Natália Calamari e Rodrigo Mafra; e em um conjunto de estampas e de esculturas criadas pela

designer Letícia Brasileiro, à frente do atelier Laletá, o qual integra o ecossistema da indústria criativa do Distrito Federal.

O projeto “Lelé da Cuca: projeto de educação e divulgação científica sobre o trabalho do arquiteto João Filgueiras em Brasília”, financiado com recursos oriundos do Fundo de Apoio à Pesquisa do Distrito Federal (FAPDF), contou também com o apoio do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), e cumpre, assim, uma das principais missões do campo da educação e divulgação científicas: aproximar o público de conhecimentos que circulam ou que são produzidos nos meios acadêmicos e que contribuem para que se compreenda melhor o meio em que se vive, os fenômenos naturais ou sociais e a sociedade em movimento.

O projeto teve, assim, o objetivo de promover o resgate da memória e do legado de João da Gama Filgueiras Lima (Rio de Janeiro, 10 de janeiro de 1932 — Salvador, 21 de maio de 2014), conhecido como Lelé Filgueiras, um dos arquitetos pioneiros de Brasília praticamente ignorado pelas novas gerações sendo, portanto, um artista fora do circuito da elite do grupo criador da capital do país.

Trata-se de um projeto de pesquisa e desenvolvimento que procura resgatar a biografia de um dos arquitetos centrais da construção de Brasília, autor de uma arquitetura única e celebrada em diversos países, apesar de se tornar cada vez mais ignorada pelos brasilienses, de modo geral.

Segundo Frajndlich (2014), desde o mais jovem estudante de arquitetura até os decanos arquitetos, reconhecem a força da obra de Lelé. Sua trajetória é conhecida: jovem arquiteto decidiu fazer as vezes de pioneiro e enfrentar Brasília em nome da empresa para a qual trabalhava. Diante do Cerrado, das formas de Niemeyer e do dia a dia desafiador (e cruel) dos canteiros da nova capital, selou a sua formação com uma sensibilidade plástica aliada ao pragmatismo construtivo. Esse amálgama o levou a se interessar pelas técnicas construtivas industrializadas. Após viagens de pesquisas e experiências iniciais em Brasília, pouco a pouco foi se tornando uma autoridade em tecnologias pré-fabricadas e estratégias de otimização do canteiro. Sua obra ganhou contornos memoráveis graças a três aspectos. O primeiro foi pela insistência cabal em trabalhar para a iniciativa pública. Esta decisão o levou a desenhar secreta-

rias, monumentos e sistemas de drenagem em diversas partes do país, despachando de sucursais nomeadas com siglas indecifráveis e, frequentemente, frustrando-se diante das reviravoltas políticas brasileiras. O segundo aspecto deu-se no campo das técnicas construtivas: o interesse por modos econômicos e de fácil manipulação o levou ao aperfeiçoamento da argamassa armada, uma espécie de cimento com armadura homogênea, que pode ser utilizada em componentes e peças leves em diversas fases da obra.

Na história da arquitetura brasileira, a contribuição de Lelé está presente em obras icônicas como os edifícios da Superquadra 108 sul, a primeira de Brasília, no Hospital Regional de Taguatinga, nos hospitais da Rede Sarah e, mais recentemente, na sede da Fundação Darcy Ribeiro, entre muitos outros trabalhos.

Em 1965 Lelé decide, devido ao golpe militar, demitir-se da UnB. A partir de 1973, continua sua trajetória em Salvador, desenhando diversas frentes de obras públicas. Teve então a chance de sintetizar sua estética de repetição de componentes com a busca pela otimização construtiva, nos desenhos de abri-

gos de ônibus, bancas de jornal, muros de contenção, passeios e escadas de drenagem. Essa mudança de ares marca o final das virtualidades utópicas. Malgrado os percalços, em Brasília sua arquitetura integrava um esforço de desenhar o futuro, o horizonte onde as estrelas se encontram. As luzes, entretanto, se apagaram com a demência política que se instaurou. Lelé aceitou o novo destino, lá estava de novo o improviso e a necessidade de criar soluções rápidas para enfrentar o precário. O atendimento a regiões remotas, com pouco acesso por transportes pesados, justificou suas pesquisas de argamassa armada. “Uma escola pode ficar pronta em 15 dias com essa tecnologia”, justificava Lelé, “enquanto uma construção normal, de concreto, levaria seis meses”. Sobretudo, a argamassa armada levava o sistema construtivo à escala das pessoas. Sua leveza permitia a operação por um ou dois homens no canteiro para cada peça. Pré-fabricada, feita em usinas e depois transportada para qualquer parte da cidade, a argamassa conciliava as virtualidades da pré-fabricação com a escala do improviso, das questões contingenciais e dos acidentes. Formado pela cidade de homens livres, o arquiteto alcançava a maturidade ali-

nhando muros de arrimo e calhas de drenagem na Bahia. Fez depois escolas em Abadiânia, Rio de Janeiro e a restauração do centro histórico de Salvador.

Na Rede Sarah, o arquiteto começou com um projeto de investigação de linguagem que conciliaria sua experiência em projetos complexos com o canteiro de peças leves. No primeiro hospital, em Brasília, ainda sem a fábrica, Lelé teve de criar investigações de linguagem, soluções que antecipavam os seus feitos futuros na rede hospitalar.

Considerado por Lúcio Costa um dos três mais importantes nomes da Arquitetura Modernista Brasileira, Lelé faleceu na manhã de 21 de maio de 2014, em Salvador.

Dado o exposto, o projeto chega à sua culminância com o lançamento deste livro-catálogo, de uma exposição física no Museu Nacional da República e de uma exposição virtual no Museu Virtual de Ciência e Tecnologia da Universidade de Brasília, tendo todos os seus objetivos específicos plenamente alcançados:

- Efetuar levantamento histórico-documental acerca da obra de Lelé em Brasília;
- Elaborar uma série fotográfica da obra do

arquiteto, a fim de subsidiar uma exposição permanente no Museu Virtual de Ciência e Tecnologia da Universidade de Brasília;

- Realizar exposição em uma das galerias do Museu da República;
- Desenvolver pesquisa iconográfica, a partir da obra de Lelé, para inspirar coleção de esculturas e de padronagens para tecidos, aplicáveis a uma coleção de roupas;
- Experimentar a estamperia como suporte para a educação patrimonial; e
- Conceber e desenvolver catálogo do trabalho, em versões digital e impressa.

Além desses objetivos, o projeto, que foi realizado no âmbito das atividades do Laboratório Ábaco de Pesquisas Interdisciplinares sobre Tecnologias e Educação, vinculado ao Departamento de Métodos e Técnicas e ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Faculdade de Educação da Universidade de Brasília, se estendeu à realização de uma temporada de entrevistas que deram forma a um podcast único, com várias entrevistas, que refletem sobre a obra e a memória desse arquiteto tão brasileiro quanto a própria Brasília. Dentre os convidados estão o arquiteto e professor da Universidade Federal de

Uberlândia, Dr. Adalberto Vilela; a presidente da Rede Sarah de Hospitais de Reabilitação, a neurocientista Dra. Lucia Willadino Braga; a designer e artista plástica brasileira, Leticia Brasileiro; a arquiteta e professora da Universidade de Brasília, Gabriela Tenório, e o arquiteto e ex-colaborador de João Filgueiras, Toni Cutolo.

A eles eu também me junto, enquanto formador de professores, educador e divulgador científico, brasileiro, filho de candangos vindos da Bahia em busca deste eldorado e fã da arquitetura de João Filgueiras, para celebrar sua vida e sua obra: Viva Lelé!

4

LELÉ PARA CUIDAR

Desde a construção do edifício do Hospital Regional de Taguatinga (1968), passando pela Clínica Daher (1974) até os hospitais da Rede Sarah de Hospitais de Reabilitação, pós 1980, a arquitetura de João Filgueiras volta para a área da saúde evoluiu em torno da ideia de que o espaço físico possui uma influência fundamental na recuperação dos pacientes, sendo, portanto, uma ferramenta terapêutica. As soluções arquitetônicas hospitalares de Lelé resultaram em espaços mais humanizados e confortáveis, pensados para reduzir os gastos de energia, sem perder o foco no conforto ambiental e no bem-estar de pacientes, familiares e profissionais. A longa experiência de Lelé no campo das edificações hospitalares lhe garantiu uma posição de destaque no cenário nacional, com projetos de referência que traduzem não apenas o atendimento às normas técnicas associadas àqueles espaços, mas também a complexidade de projetar espaços mais humanizados voltados para a cura física e psicológica.

Os hospitais de Lelé adotam estratégias que os tornaram bastante singulares, como a exploração da iluminação e ventilação naturais por meio dos *sheds*; a inclusão de galerias subterrâneas como grandes dutos captadores de ar; a construção de espelhos d'água para o resfriamento evaporativo, auxiliando no decréscimo da temperatura ambiente e na filtragem das partículas de poeira presentes no ar, propiciando ambientes salubres e confortáveis; o uso de ampla vegetação nos ambientes externos e, sobretudo, internos, além dos dispositivos de sombreamento (*brises*) para evitar a incidência da radiação solar direta no interior dos edifícios.



HOSPITAL REGIONAL DE TAGUATINGA

PAO 0973



Hospital Regional de Taguatinga









Clínica Daher - Lago Sul





Hospital Sarah Brasília













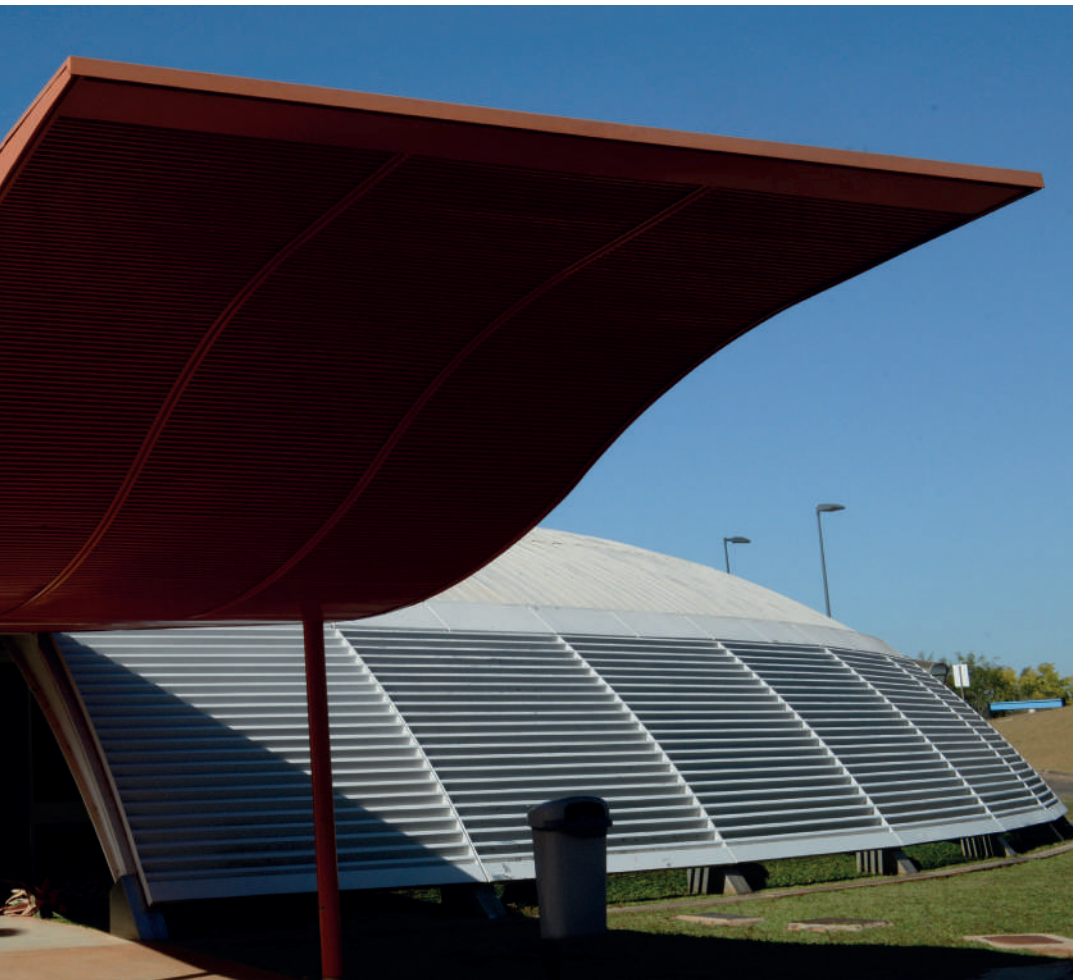








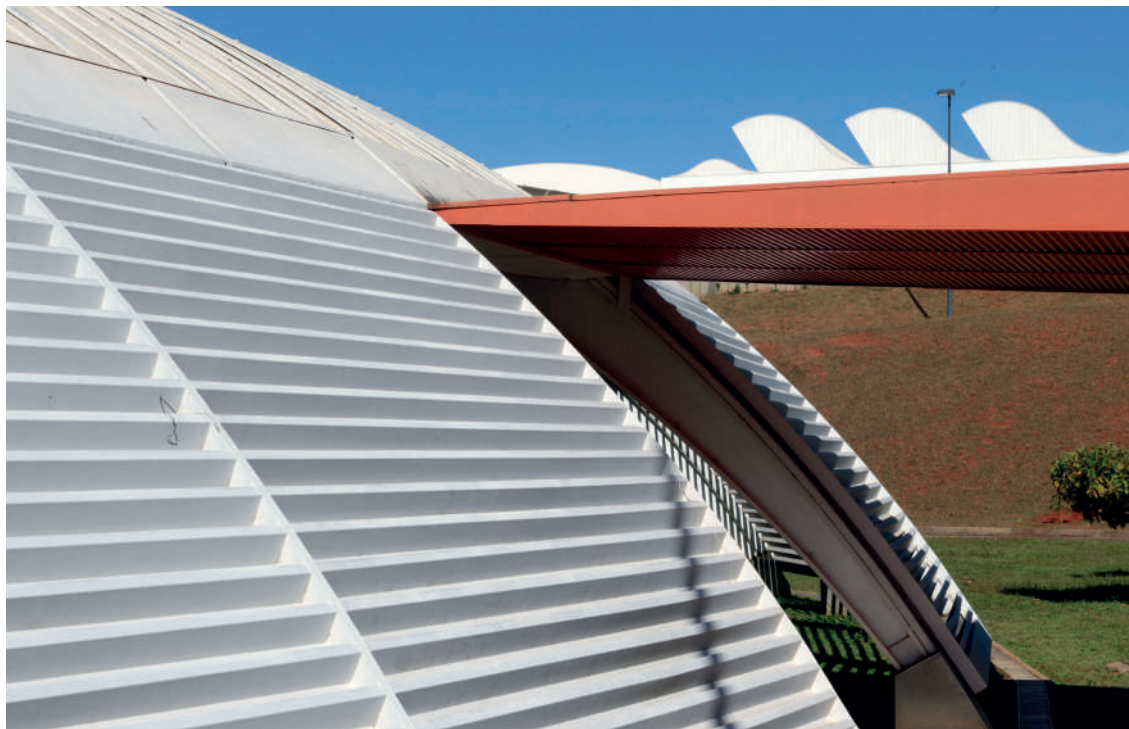




Hospital Sarah Lago Norte



















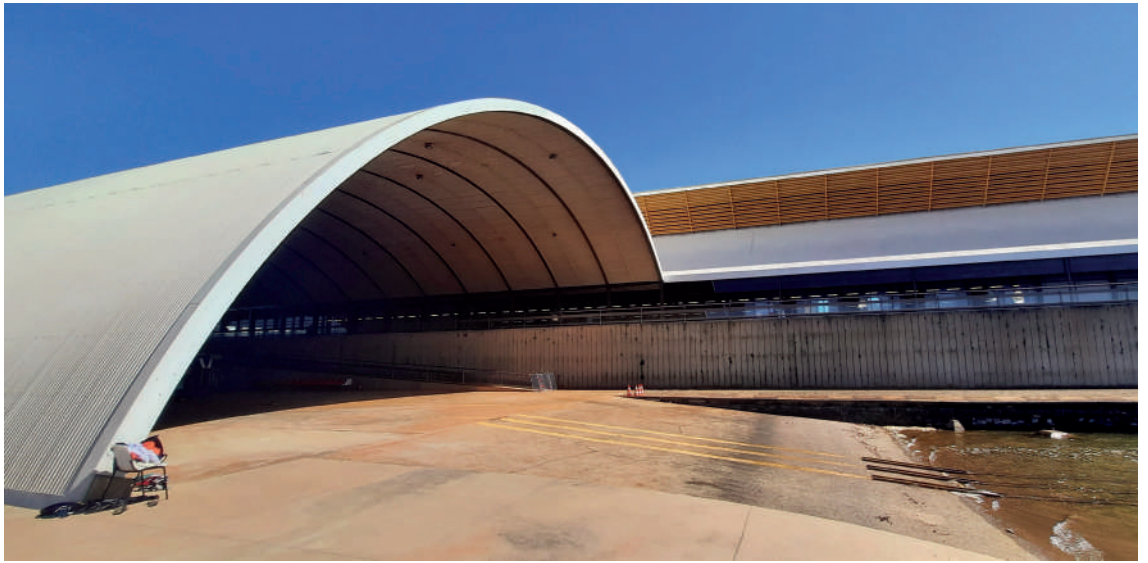












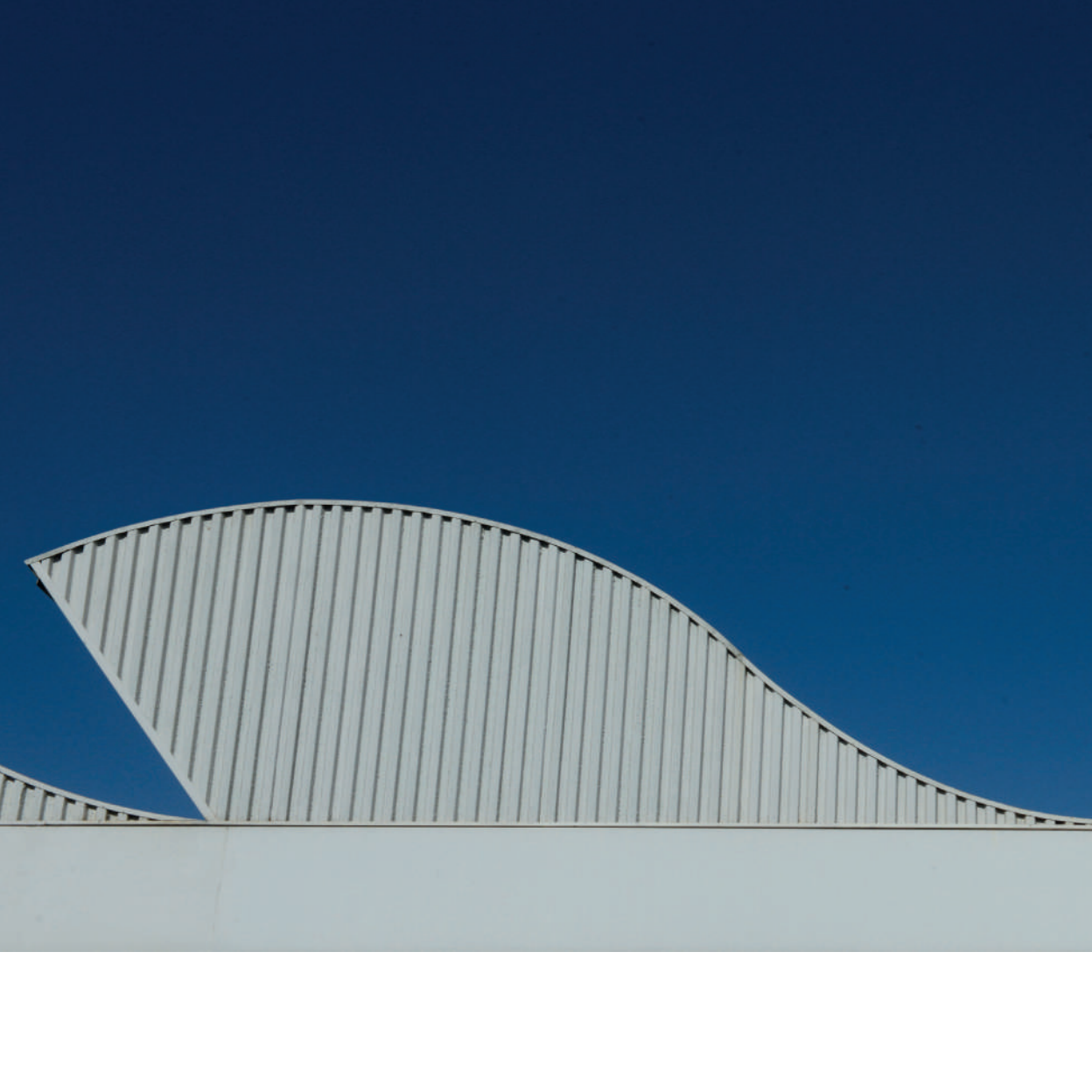














5

LELÉ PARA TRABALHAR

A relação de João Filgueiras com a criação de espaços dedicados ao trabalho remonta à sua própria experiência em Brasília. Foi no Planalto Central que o arquiteto experimentou pela primeira vez escalas, formas, materiais e usos distintos para seus edifícios corporativos. A começar pelos escritórios e oficinas mecânicas das concessionárias que projetou - Disbrave (1965), Planalto (1972) e Codipe (1975) -, Lelé sempre fez questão de criar espaços arejados e com grande expressividade construtiva. Dos simples galpões de serviços gerais na UnB - que funcionaram por muitos anos como biblioteca central da Universidade - os espaços de trabalho projetados por Lelé em Brasília moldaram de certa maneira sua arquitetura institucional. A partir de projetos como as torres de escritórios para a Camargo Corrêa no SCS (1974), por exemplo, Lelé se aprofundou nas soluções de quebra-sóis que extrapolassem sua função precípua (barrar a incidência solar direta) e incorporassem elementos (em fibras de vidro) que garantissem movimento, plasticidade e riqueza cromática

junto ao concreto pré-moldado cinza empregado em larga escala. Em uma de suas últimas obras, o memorial Darcy Ribeiro (2010), Lelé opta por um espaço de trabalho voltado para si, para o interior de uma oca indígena de aço, cujo pátio central é o grande espaço de atração e convívio laboral. O Beijódromo, anexo, foi na verdade um desejo realizado de Darcy, afinal, o lugar que fomenta a pesquisa e abriga tantos livros e saberes deveria também ser generoso o bastante com os estudantes apaixonados.

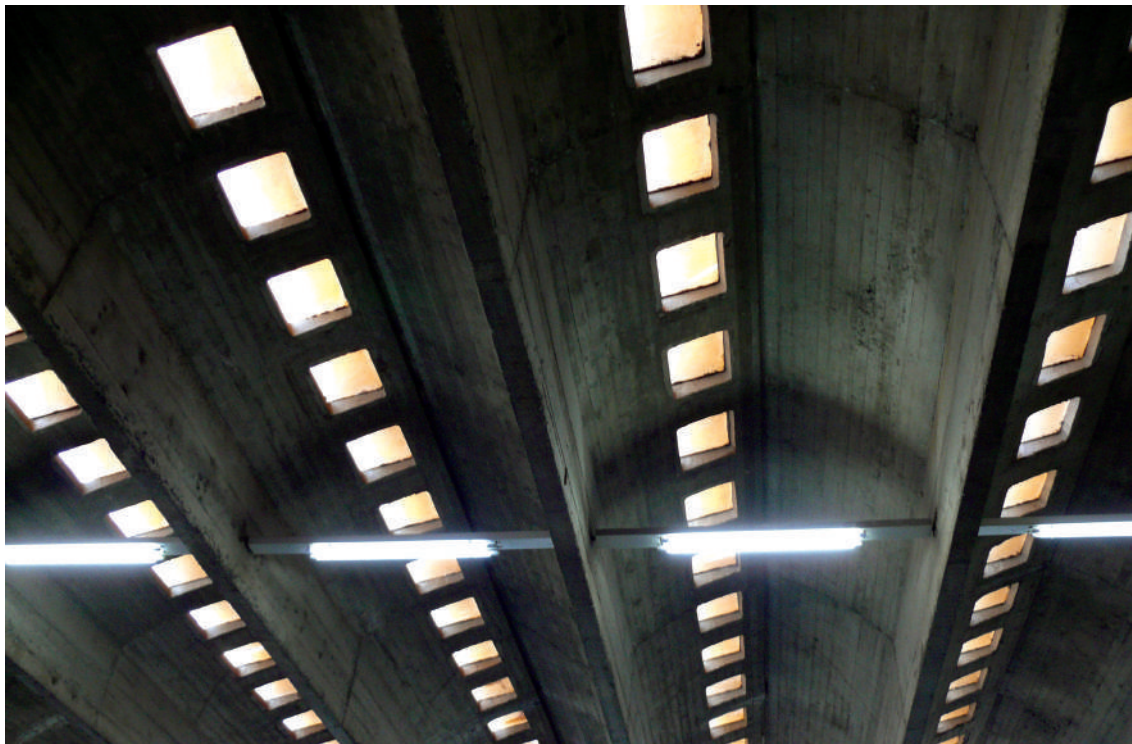
Atuar nos anos iniciais da construção de Brasília fez com que João Filgueiras fosse confrontado com as dificuldades de especificar materiais e executar processos arquitetônicos complexos em um contexto de total ausência de recursos, comuns no mercado da construção civil de outras grandes cidades brasileiras da época. A inovação tornou-se parte da sua abordagem de projeto e projetar, e ele passou a atuar em todas as etapas de realização de uma obra arquitetônica, agregando ao seu perfil profissional as características do arquiteto construtor, como aqueles que precederam a existência do engenheiro. É especialmente na criação e ado-

ção de técnicas de pré-fabricação e de abordagens da corrente brutalista na arquitetura que Lelé estabeleceu um sistema construtivo da moldagem *in loco*, no local da construção e de estruturas aparentes. Ao mesmo tempo, as edificações refletiam a preocupação de Lelé com a humanização dos espaços e com sua adequação específica para as finalidades a que se destinavam. A evolução de tal abordagem pode ser constatada nas edificações destinadas a acomodar diferentes tipos de exercício profissional, como as concessionárias, os edifícios de escritório, as embaixadas. Neste âmbito, é importante destacar o conjunto da Disbrave (1965), um dos primeiros edifícios institucionais a surgir nas quadras 500 da Avenida W3 Norte; o Edifício Portobrás (1974), com seu imponente pé direito duplo no pavimento térreo; e o conjunto do Memorial Darcy Ribeiro (2010).





Disbrave - W3 Norte

















Planalto de Automóveis - W3 Norte





Almoxarifado - UnB





Portobrás









Edifícios Carmago Corrêa e Morro Vermelho













Memorial Darcy Ribeiro - UnB

















6

LELÉ PARA ESTUDAR

A educação sempre esteve em evidência na obra de João Filgueiras Lima. Foi a partir de sua atuação no desenvolvimento de edifícios escolares que Lelé conseguiu avançar técnicas construtivas que integravam suas pesquisas em pré-fabricação, primeiro com o concreto armado, e, posteriormente, com a argamassa armada. Após ter atuado na construção da primeira quadra residencial de Brasília, a 108 Sul, Lelé passou a colaborar mais frequentemente com seu autor, o arquiteto Oscar Niemeyer. Desta parceria surgiram os edifícios da Universidade de Brasília, projetados e construídos no início dos anos 1960. Não se pode ignorar o fato de que embora o ICC não fosse um projeto autoral, ele forneceu as condições necessárias para que o jovem Lelé se familiarizasse com a pré-fabricação pesada e com as construtoras que detinham os meios de produção. Antes mesmo dos hospitais assumirem um papel preponderante na obra de Lelé, foi através das escolas pré-moldadas em argamassa armada que o arquiteto consolidou um meio de produção e uma estética da repetição.





Instituto Central de Ciências - UnB





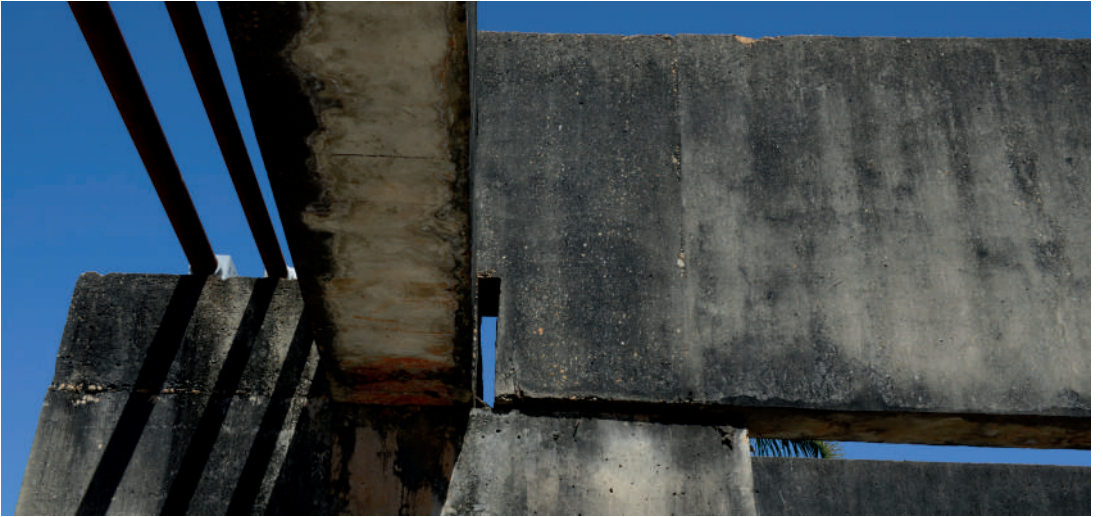














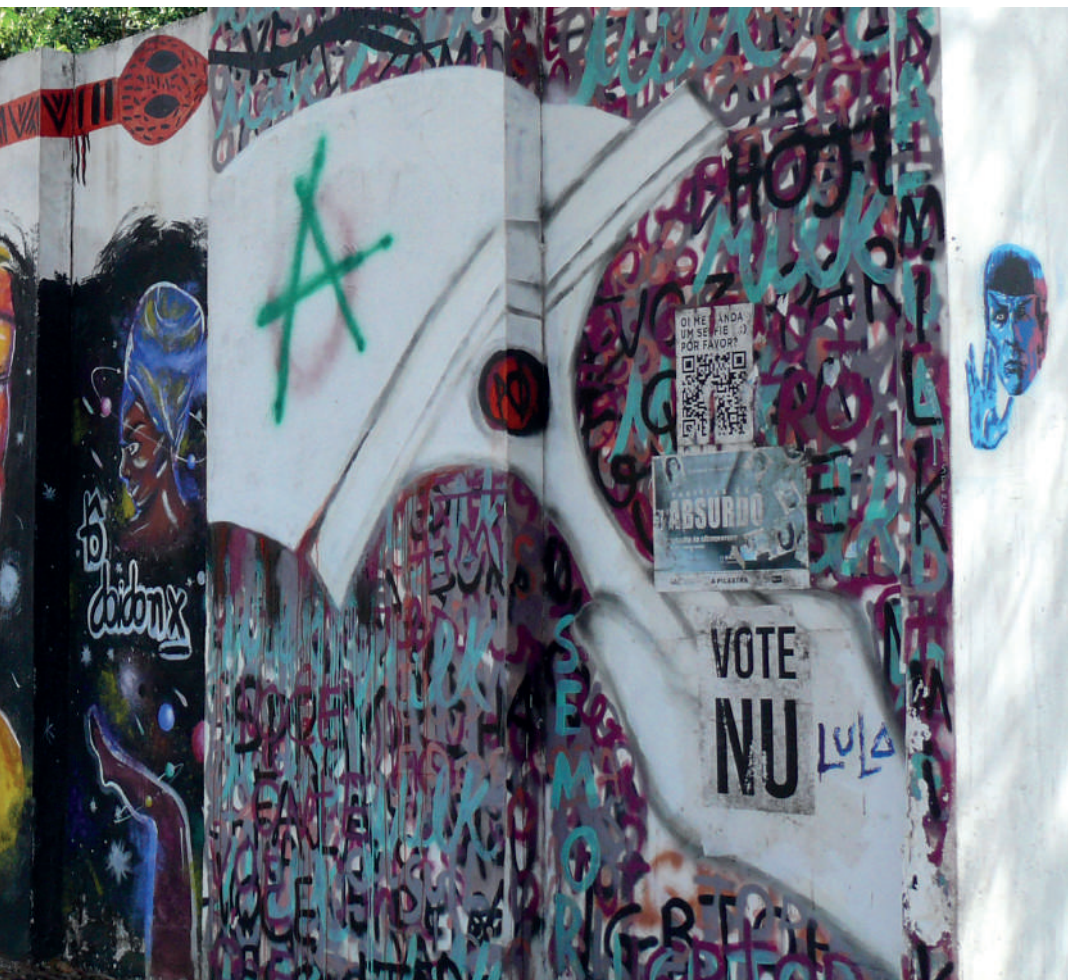


Departamento de Música - UnB









Instituto de Artes - UnB





SG 12 - Laboratório de Engenharia Civil - UnB

7

LELÉ PARA MORAR

Pode-se dizer que antes mesmo de a residência Cesar Prates (1961) tomar forma como um dos primeiros projetos de Lelé em Brasília (Lago Sul), João Filgueiras iria inaugurar sua atuação profissional por meio de outro tipo de moradia: as residências provisórias de madeira para funcionários do IAPB no canteiro de obras da 108 Sul. Era o início de um envolvimento do arquiteto com um tema que perdurou por toda a sua carreira, e, com breves hiatos, nunca deixou de revelar suas feições técnicas, construtivas e espaciais em estreita vinculação com outras esferas de sua produção. A casa é de fato um verdadeiro laboratório na obra de João Filgueiras Lima. Ainda que seu projeto para a habitação social (Minha Casa Minha Vida, 2011) não tenha saído do papel, as residências privadas projetadas e construídas por Lelé em Brasília apontam para uma diversidade de soluções e de sistemas construtivos que acompanharam as pesquisas do arquiteto. O entendimento de Lelé em torno da casa como lugar de bem-estar procurou aliar conforto ambiental e

funcionalidade de forma original e potente, englobando técnicas construtivas inovadoras e com intenso foco nos moradores. Em suas residências, Lelé dotou amplamente as venezianas, os pergolados, os arcos, as abóbodas, os tijolos e os materiais naturais integrados à arquitetura, como a pedra e a madeira.





Colina - UnB















B

B







Residência Nivaldo Borges













Residência Aloysio Campos da Paz





8

LELÉ PARA CIRCULAR

Lelé deixou em Brasília uma série de equipamentos urbanos destinados a humanizar e a facilitar a circulação e a convivência de pessoas pelos espaços públicos. É o caso dos abrigos de ônibus construídos em argamassa armada no *Campus* Darcy Ribeiro da UnB, do portal de acesso para a Concha Acústica e de algumas passarelas para pedestres espalhadas pelo Distrito Federal. As passarelas, idealizadas no período de funcionamento da Fábrica de Equipamentos Comunitários (FAEC, 1985-1989), em Salvador, são equipamentos de infraestrutura urbana e são caracterizadas pela flexibilidade do sistema projetado, com utilização de cobertura e placas de piso em argamassa armada associadas a uma treliça metálica. Os abrigos para paradas de ônibus, igualmente originais, buscam aliar design, ergonomia e sustentabilidade ambiental. Por fim os bancos com encostos, tão comuns na cidade, concebidos para proporcionar maior interação entre as pessoas em locais de permanência, e não apenas de passagem. Se a vida é realmente a arte do encontro, podemos fomentar espaços mais propícios?

O encontro e a circulação de pessoas são princípios que certamente figuram entre as preocupações de Lelé ao criar a Associação Portuguesa (1984), clube esportivo e de lazer concebido pelo arquiteto e construído em Taguatinga, DF. O conjunto se configura como uma das primeiras incursões de Lelé em direção à arquitetura em aço, com linguagem simples e austera, onde predominam a clareza estrutural, a separação nítida entre os materiais e a economia de meios.





Passarelas













Abrigo de Ônibus - UnB





Mobiliário Urbano









Elevador Plano Inclinado, Sarah - Lago Norte





Associação Portuguesa de Brasília









LELÉ PARA INSPIRAR

Dentre as inúmeras possibilidades didáticas para a articulação de trabalhos de Educação Patrimonial, este projeto buscou na produção de Letícia Brasileiro, do atelier Laletá, um excelente exemplo de um agente do ecossistema criativo de Brasília que utiliza a moda e as artes plásticas como suporte para a popularização de elementos culturais marcantes da cidade de Brasília, como a azulejaria de Athos Bulcão, o urbanismo de Lúcio Costa, a arquitetura de Oscar Niemeyer e a vidraria de Marianne Peretti. Nesse contexto, e especialmente para este projeto com foco em João Filgueiras, Letícia Brasileiro foi convidada a conceber uma série de estampas e de esculturas originais, que apontam possibilidades de exploração do patrimônio de Brasília em produtos da indústria cultural local.

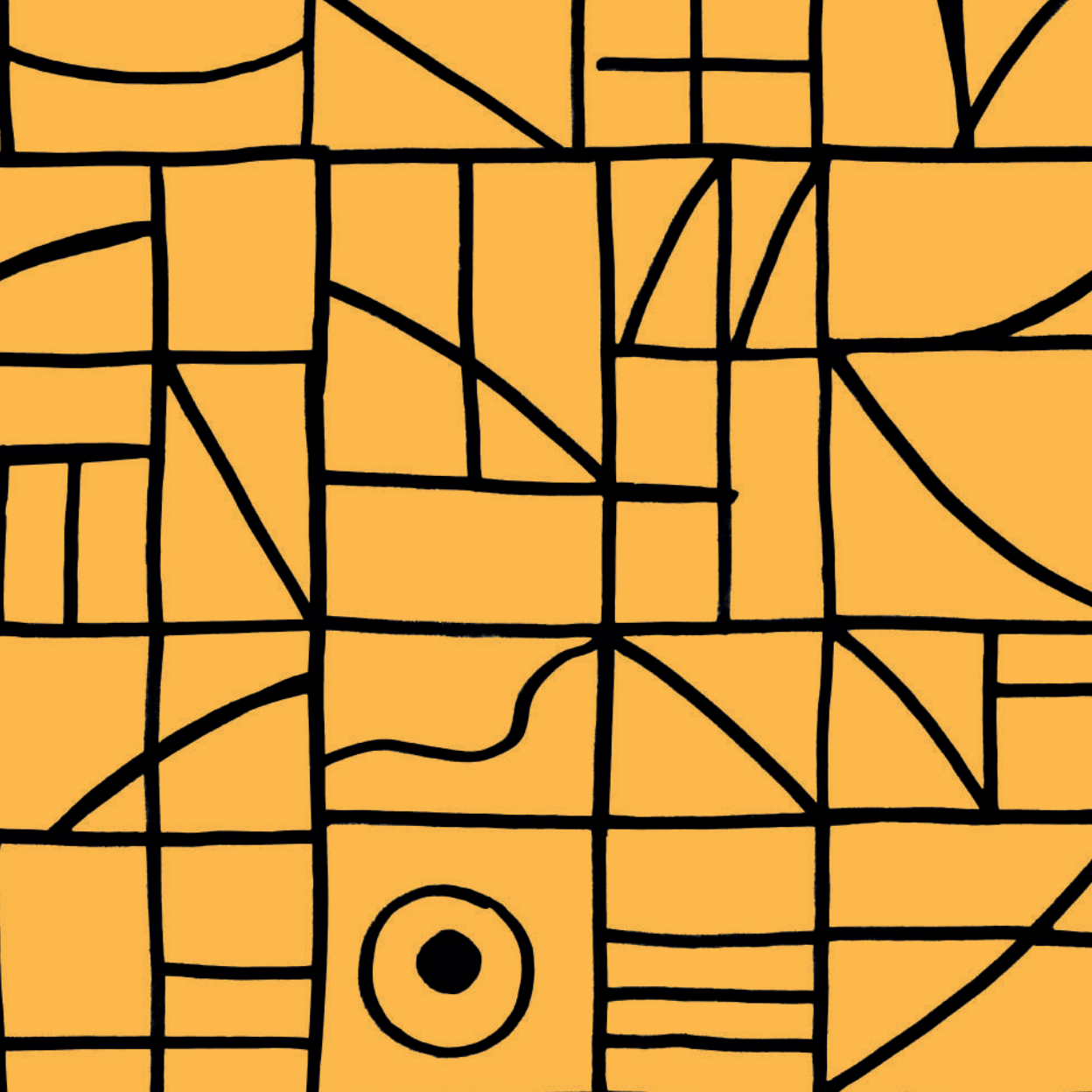
A criatividade de João Filgueiras Lima, o Lelé, em sua arquitetura de linhas suaves e harmoniosas é fonte de inspiração para a estampa da Laletá. As estampas Morro Vermelho e Beijódromo já fazem parte da história do atelier. Para a Exposição Lelé da Cuca, foi

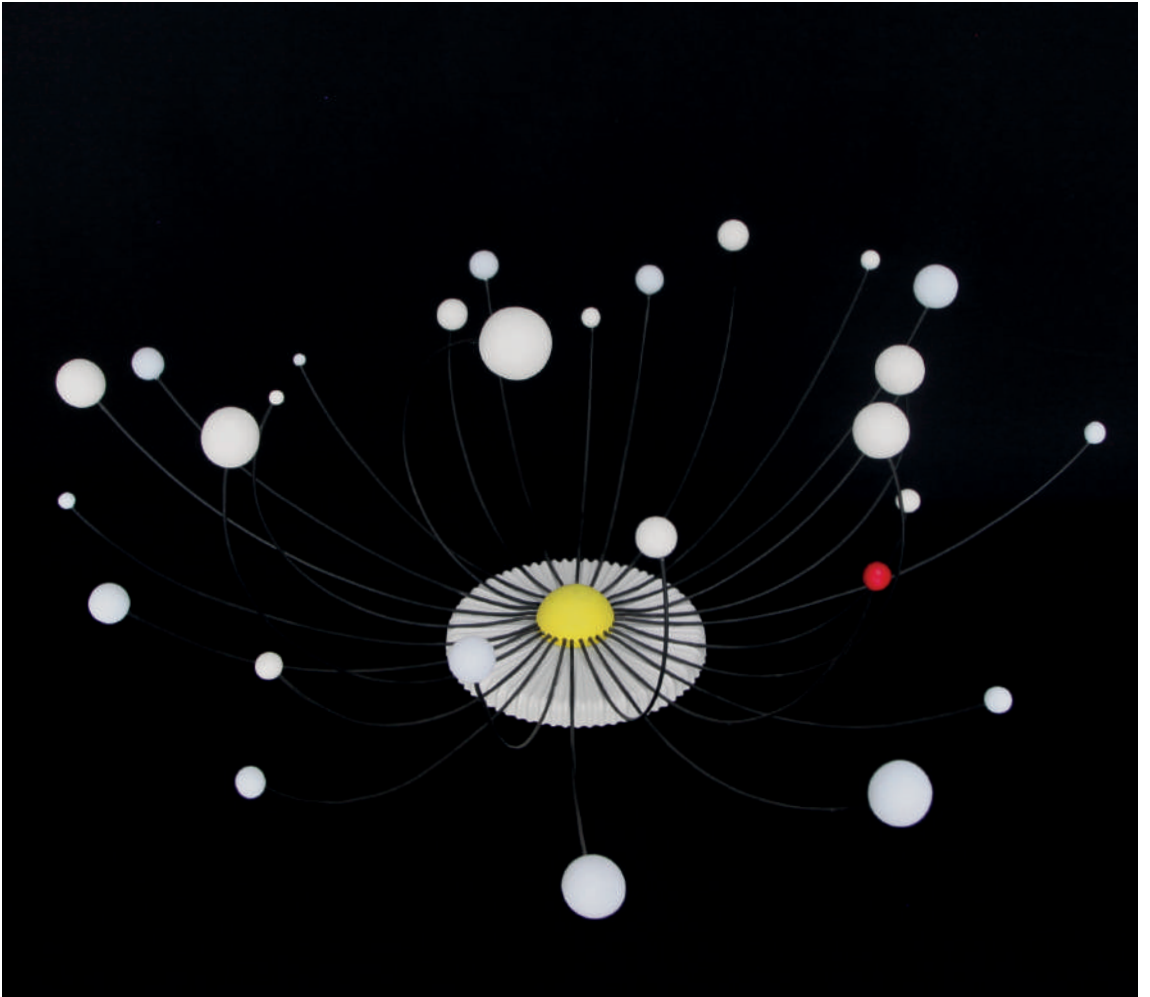
criada a Coleção Lelé, na qual as formas, o movimento e o ritmo, abundantes em sua arquitetura, são o fio condutor da estampa. Para Letícia Brasileiro, “um voo infinito, livre, sem fronteiras é a inspiração para as artes plásticas que emanam da obra do Lelé”.

Segundo Letícia, crescer na primeira cidade moderna Patrimônio Cultural da Humanidade certamente despertou o olhar para a arquitetura e suas formas, as artes e suas cores, para a paisagem de Cerrado, mas sobretudo despertou o olhar para a beleza. “A Laletá Brasil surgiu do desejo de fazer diferente. O DNA da marca aconteceu em sua segunda coleção: camisetas estampadas com os monumentos de Brasília. Descobrimos a partir daí que sim, as pessoas queriam ver a cidade no seu guarda-roupa, queriam consumir estampa com a cara de Brasília! E foi assim que vestidos, saias, blusas, lenços ganharam a identidade brasiliense, e levar arte para o guarda-roupa feminino tornou-se nosso lema, nosso valor e personalidade.

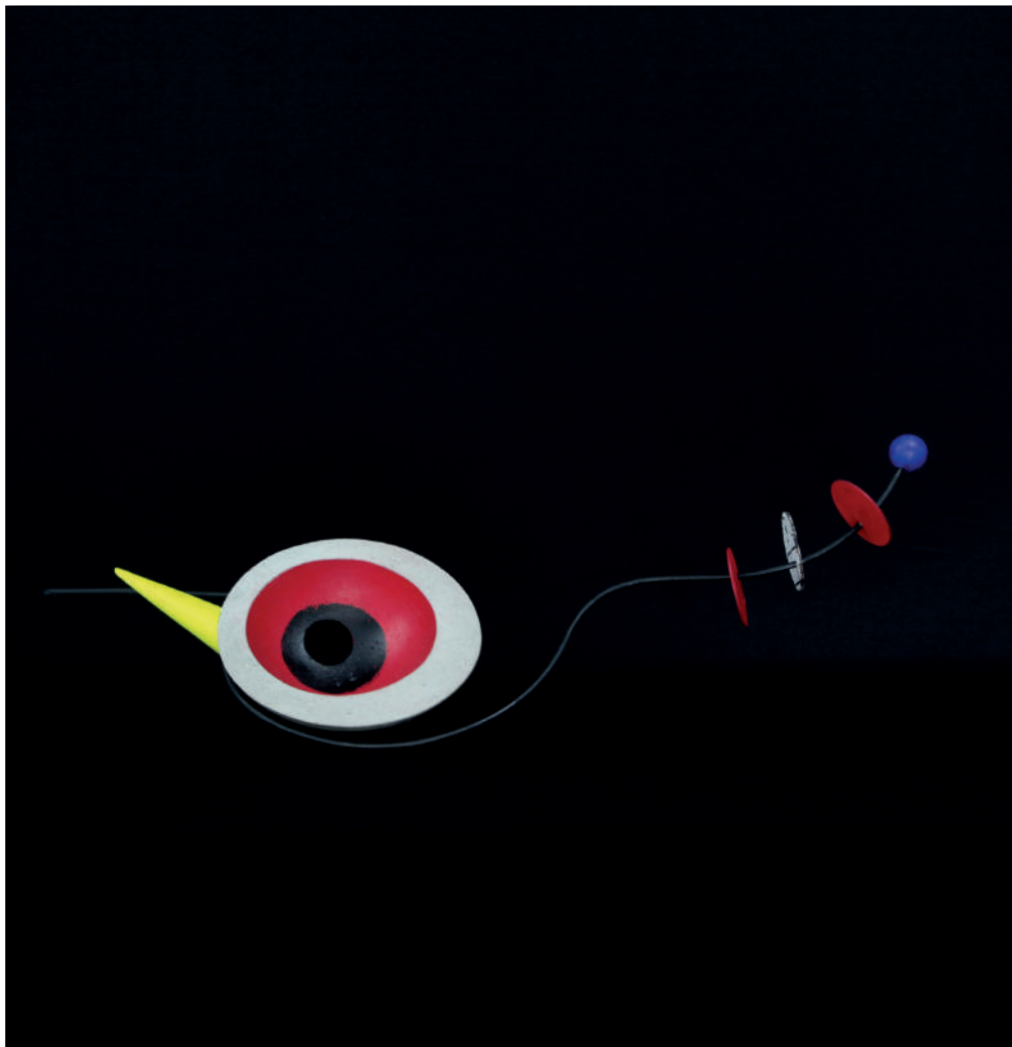
As linhas de Lucio Costa, as formas de Oscar Niemeyer, os jardins de Burle Marx, a simplicidade elaborada de João Filgueiras e o colorido de Marianne Peretti e Athos Bulcão, só para citar alguns dos nomes mais famosos presentes na cidade, são uma grande fonte de inspiração para o processo criativo, mas é só um começo, não tem fim...”







Euforia

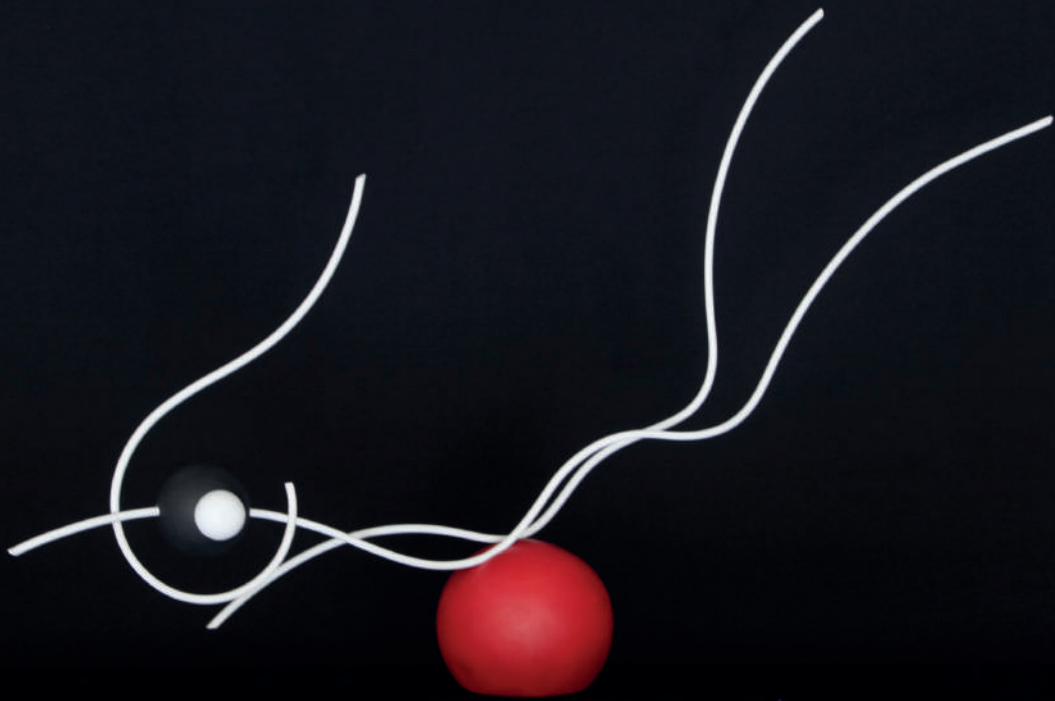


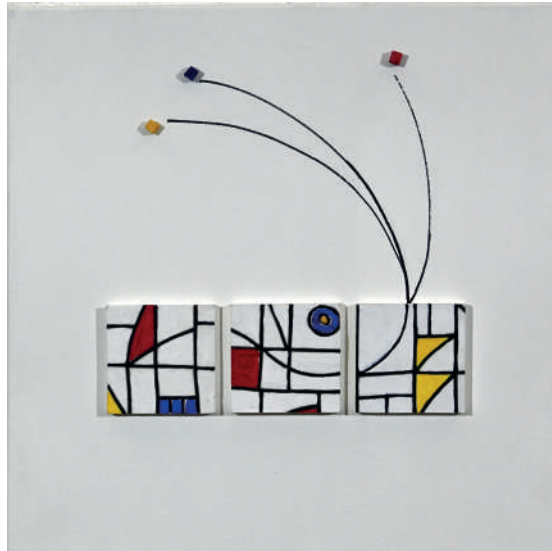
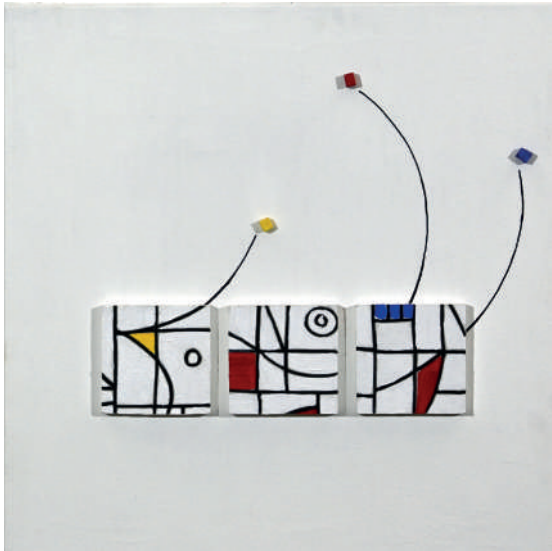
Passarim



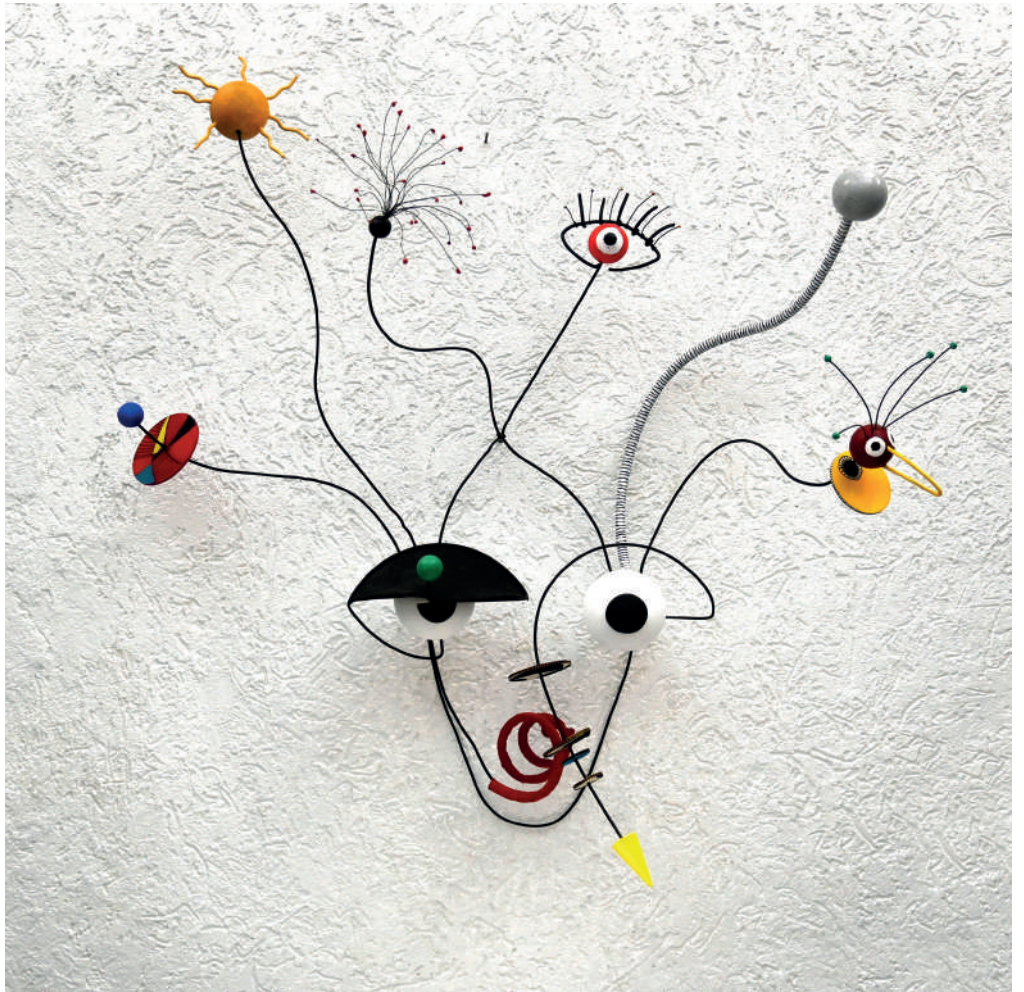
Passarão

Pouso

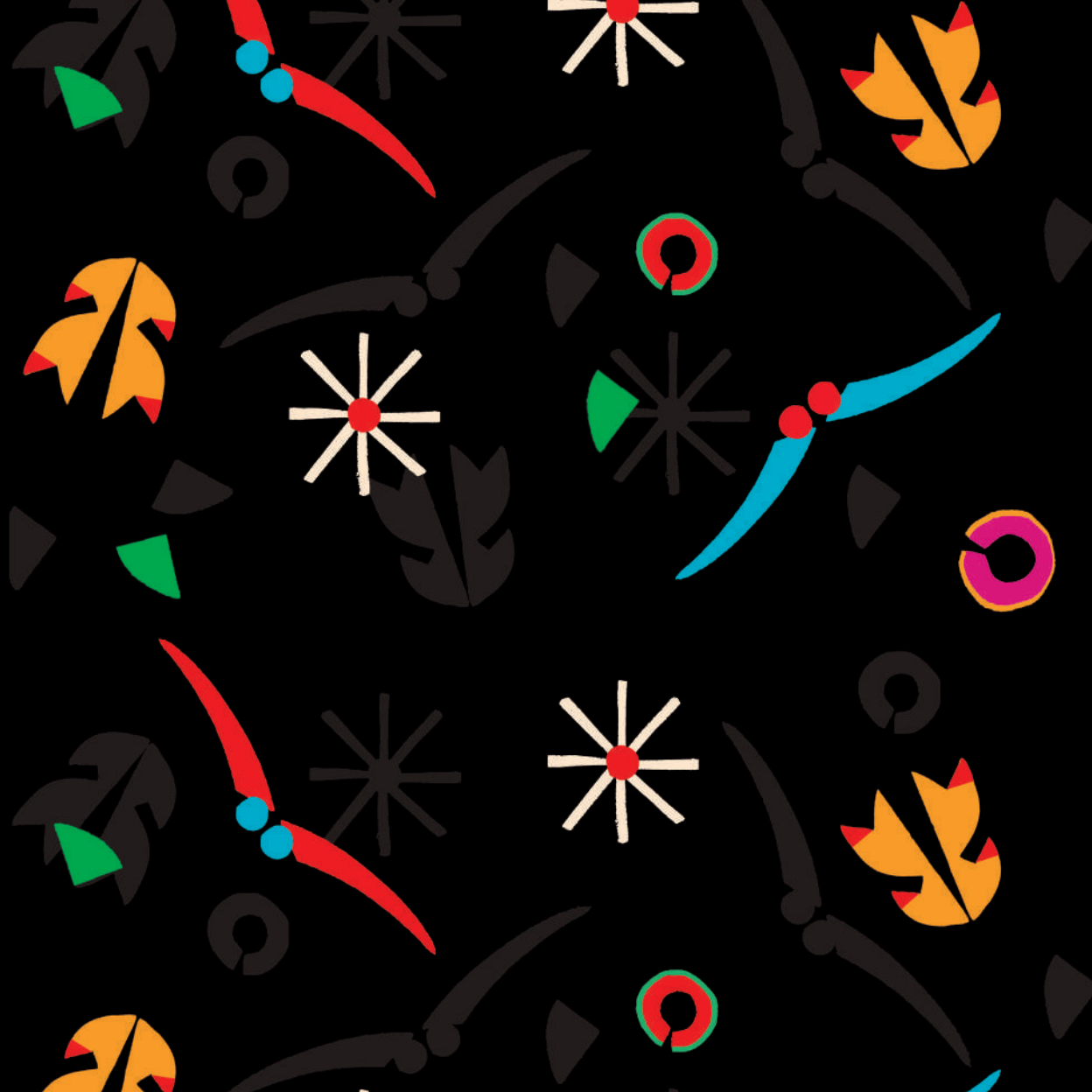


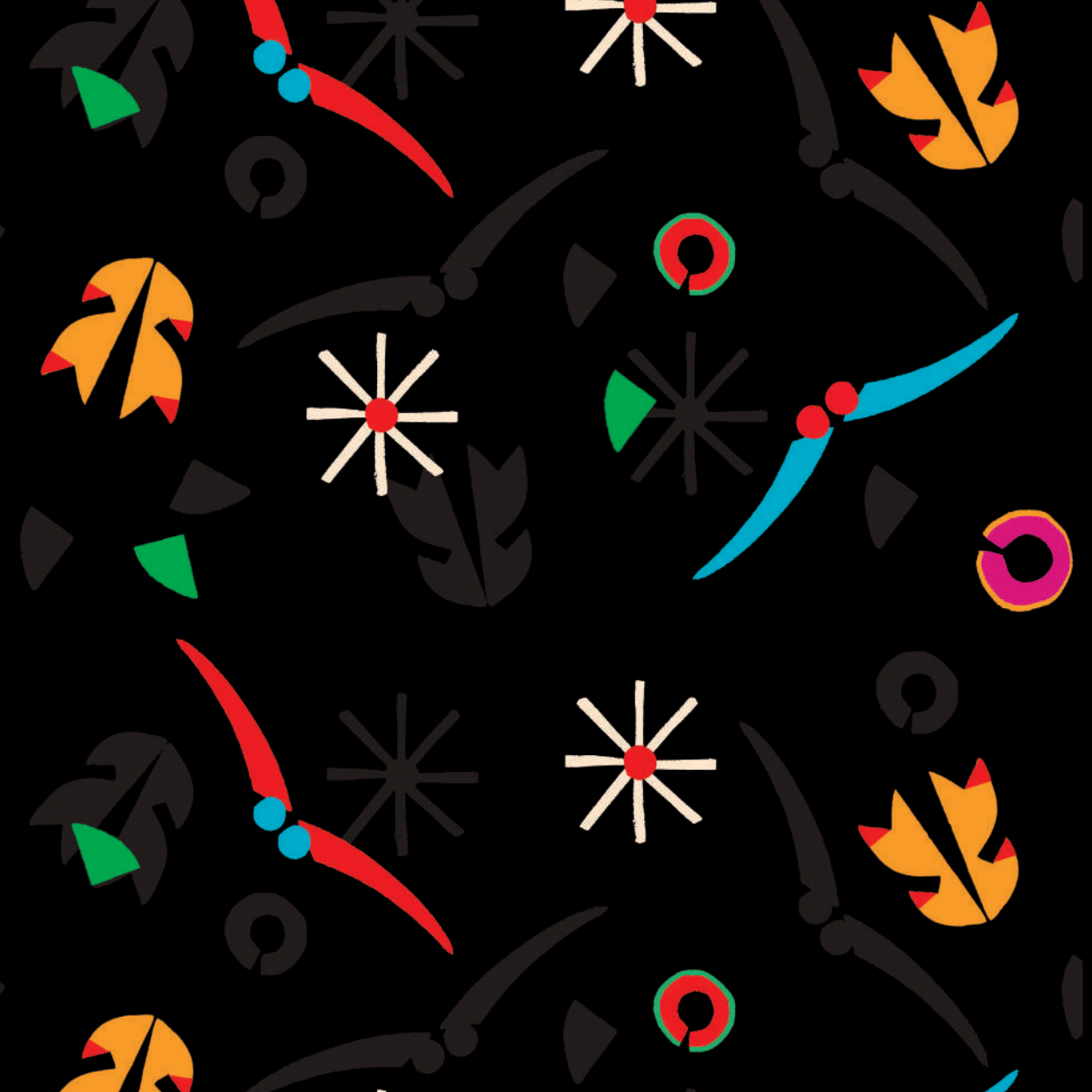






Cuca





Noar





Traços





Morro Vermelho







Escalada



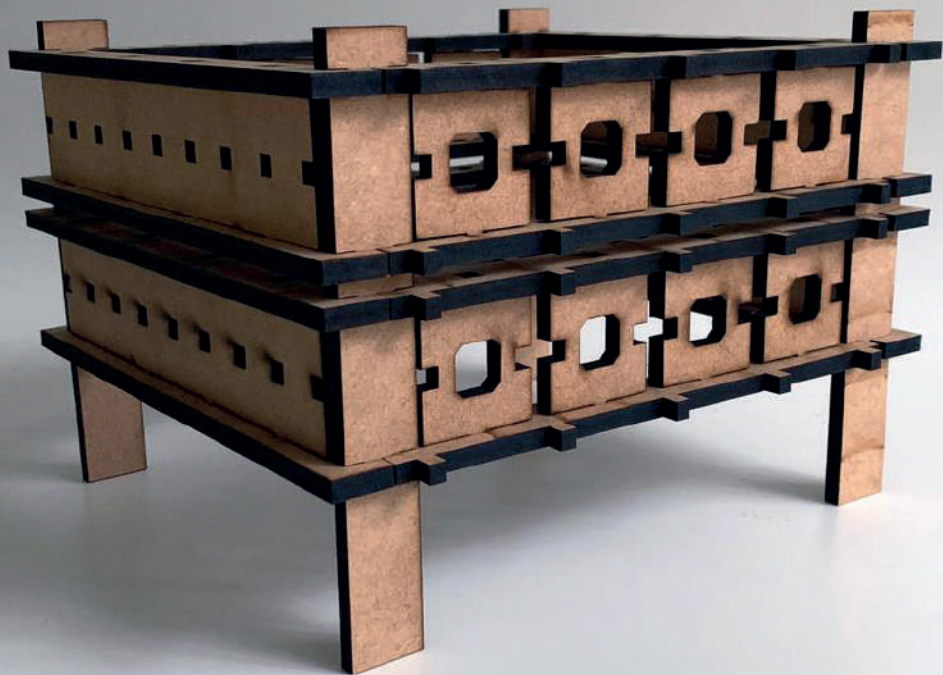


Traços

9

LELÉ PARA BRINCAR

Ações de educação e divulgação científicas, como é o caso deste projeto focado no arquiteto João Filgueiras, o qual, potencialmente, pode levar crianças e jovens a se interessarem pela arquitetura enquanto campo de estudos e de formação, têm na concepção de dispositivos lúdico-educativos grandes aliados de captação de interesses, de motivação e de envolvimento. Foi nessa perspectiva que foram concebidos o Carimbolé: jogo de carimbos coloridos, de Letícia Brasileiro, e o Lelego: jogo de peças para montar, de Rodrigo Mafra, Natália Calamari e Maylena Clécia. Trata-se de recursos didáticos que podem promover aproximações com o universo de João Filgueiras e que podem levar os interlocutores a se interessarem tanto pelo arquiteto quanto por sua obra, o que é um importante objetivo visado por este projeto que busca lançar luzes sobre um ator primordial da construção e da história de Brasília, que cai no esquecimento das jovens gerações de brasilienses e de brasileiros.



Jogo de montar
LELEGO



Carimbo para estampa
CARIMBOLÉ

NOTAS

¹ LIMA, João Filgueiras; MENEZES, Cynara. O que é ser arquiteto: memórias profissionais de Lelé (João Filgueiras Lima). Rio de Janeiro - RJ: Editora Record, 2004. p. 11

² Expressão de Eduardo Augusto Costa. *In*: COSTA, Eduardo A. **Reeditando o passado de um Brasil que jamais existiu**. Nexo Jornal. 21 agosto 2023. Disponível em: <https://www.nexojournal.com.br/ensaio/2023/08/21/Reeditando-o-passado-de-um-Brasil-que-ja-mais-existiu>. Acesso: 17 set. 2023.

³ LIMA, João Filgueiras. **Nunca pensei em ser arquiteto**. [Entrevista a Ledy Valporto Leal]. Finestra, vol. 8, n. 33 (2003).

⁴ O DNPS foi criado em 1946 no governo de Eurico Gaspar Dutra (1946-51) por meio do Decreto nº 8.742, de 19 de janeiro, subordinado ao Ministério do Trabalho, Indústria e Comércio. Ele antecede a criação do Instituto Nacional de Previdência Nacional (INPS), criado pelo Decreto-Lei nº. 72, de 21 de novembro de 1966, que determinou, ainda, a unificação dos Institutos de Aposentadoria e Pensões. *In*: Ministério do Trabalho e Previdência. **Os 100 anos da Previdência Social**. Brasília, 2022.

⁵ Filho de um postalista dos Correios e Telégrafos com uma dona de casa, Lelé nasceu no En-

cantado, bairro de classe média e média-baixa na zona norte do Rio de Janeiro. LATORRACA, Giancarlo. **João Filgueiras Lima, Lelé** (M. C. Ferraz, Org.). São Paulo; Lisboa: Editorial Blau, Instituto Lina Bo e P.M. Bardi, 2000, p. 14.

⁶ Op. Cit., p. 16.

⁷ “Eu fui lá como professor. Eu já fui indicado por Oscar com as seguintes funções: coordenador do curso de pós-graduação, secretário executivo do Centro de Planejamento e responsável pelo curso de técnica da construção. Eu tinha essas três incumbências”. Entrevista realizada por Ana Gabriella Lima Guimarães com o arquiteto Lelé em 06/07/2001 em São Paulo. *In*: GUIMARÃES, Ana Gabriella Lima. **João Filgueiras Lima: O último dos modernistas**. Dissertação de mestrado, Escola de Engenharia de São Carlos, Universidade de São Paulo, EESC-USP, 2003, p. 23.

⁸ A esta altura, Lelé já havia realizado algumas obras, a exemplo da Residência César Prates (1961) no Lago Sul e dos edifícios de apartamentos (Colina) e de serviços gerais (SG-11) na UnB, ambos de 1962.

⁹ Juntamente com as filhas e a esposa, a arquiteta e paisagista Alda Rabello Cunha (funcionária do Ministério da Agricultura cedida para o GTB,

Grupo de Trabalho de Brasília), Lelé vai residir inicialmente em uma casa geminada na 707 Sul, e, a partir de 1970, em novo endereço, na 714 Sul. Depoimento de Adriana Filgueiras ao autor por telefone em Uberlândia, 22 de setembro de 2023.

¹⁰ Ver BAHIMA, C. F.; VASCONCELLOS, J. **João Filgueiras Lima (Lelé) e a Origem da Pré-moldagem à Brasileira**. Revista Jatobá, Goiânia, v. 4, 2022. DOI: 10.5216/revjat.v4.73146. Disponível em: <https://revistas.ufg.br/revjat/article/view/73146>. Acesso em: 15 set. 2023.

¹¹ RECAMÁN, Luis. **O desenho de Brasília**. Têsis, 2(5), 27–42, 2018, p. 29.

¹² Ver “Lelé, the engineers and building companies”. In: VILELA, Adalberto. **Architecture without Applause: The Manufactured Work of João Filgueiras Lima, Lelé**. Tese de doutorado. ETH Zurich, 2018, p. 54. Disponível em: <https://doi.org/https://doi.org/10.3929/ethz-b-000301849>

¹³ Milagre Econômico ou “milagre econômico brasileiro” corresponde ao crescimento econômico ocorrido no Brasil durante a ditadura militar entre os anos de 1968 a 1973, tendo como principal articulador o então Ministro da Fazenda, Antonio Delfim Neto, e um contexto internacional favorável. Na retórica do milagre econômico estava o objetivo de diminuir as desigualdades sociais e aumentar a renda da po-

pulação, porém o resultado foi diferente: houve desvalorização dos salários e concentração da renda. Ver: MORAES, Taynara. **Desvendando os segredos por trás do milagre econômico brasileiro**. Disponível em: <https://www.politize.com.br/segredos-do-milagre-economico-brasileiro/>. Acesso em: 19 sep. 2023.

¹⁴ Ver VILELA JÚNIOR, A. J.; SILVA NETO, E. A. da. **Lelé em Abadiânia: Arquitetura, política e tecnologia**. Revista Jatobá, Goiânia, v. 4, 2022. DOI: 10.5216/revjat.v4.73144. Disponível em: <https://revistas.ufg.br/revjat/article/view/73144>. Acesso em: 15 set. 2023.

¹⁵ A Companhia Urbanizadora da Nova Capital do Brasil (Novacap) é uma empresa pública que foi criada em 1956 com o objetivo de construir Brasília. Atualmente se encarrega de executar e gerenciar as obras planejadas no Distrito Federal, em conjunto com a Secretaria de Obras do DF.

¹⁶ Apesar de a Vila Paranoá já se configurar como Região Administrativa nº VII desde 1964 (Lei nº 4.545/1964) e ter conquistado a fixação por meio do Decreto nº 11.208/1988, o governador Joaquim Roriz publicou o Decreto nº 11.921, de 25 de outubro de 1989, fixando novos limites para as Regiões Administrativas e ampliando o número de RAs de oito para doze, assim como estabeleceu a transferência dos moradores da Vila Paranoá para área vizinha. Ver: SILVA, G de C; KUNZ, S. A. S; COSTA, S. R. S. Cidade invisível:

mapa afetivo da Vila Paranoá e seus quintais de memórias. *Élisée, Rev. Geo. UEG – Porangatu*, v.9, n.1, e912016, jan./jun. 2020, p. 9.

¹⁷ *In*: EIRAS, Yuri. **Alunos usam guarda-chuvas dentro de sala de aula no RJ**. Folha de S. Paulo. Cotidiano. 22 de agosto de 2023. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2023/08/alunos-usam-guarda-chuvas-dentro-de-sala-de-aula-no-rj.shtml>. Acesso em: 20 de setembro de 2023.

¹⁸ BACKENDORF, Jonas Muriel. **Sofrimento como consequência primária do viver: apontamentos sobre o pessimismo de Schopenhauer a partir de Maslow**. *Kínesis*, Vol. XI, nº 30, dezembro 2019, p.62.

¹⁹ NOBRE, Ana Luiza. **Lelé: condição-limite**. Blog IMS. Arquitetura. 25 de maio de 2014. Disponível em: <https://blogdoims.com.br/lele-condicao-limite-por-ana-luiza-nobre/>. Acesso em: 20 de setembro de 2023.

²⁰ Op. Cit.

²¹ “Esse período breve em que tive escritório foi o único período em que ganhei dinheiro, mas tive um insucesso financeiro enorme [...]. Nunca fui empresário, não tinha a menor vocação para isso”. *In*: LIMA, João Filgueiras. **O que é ser arquiteto: memórias profissionais de Lelé (João**

Filgueiras Lima); em depoimento a Cynara Menezes (Rio de Janeiro: Editora Record, 2004),

²² LIMA, João Filgueiras. João Filgueiras Lima [Lelé]; em entrevista a Adriano Carneiro de Mendonça. Salvador, 18 de janeiro de 2007. Disponível em: <https://entre-entre.com/entrevistas/25>. Acesso em: 20 de setembro de 2023.

²³ Op. Cit.

AGRADECIMENTOS E CRÉDITOS

Agradecemos à colaboração de todos que contribuíram para o sucesso deste trabalho:

Adalberto Vilela, revisão técnica e conteúdo

Ademir Rodrigues, fotógrafo (esculturas e estamparias)

Adriana Filgueiras, fotógrafa (página 158 à 161)

Consuelo Martins César Cordeiro, revisora

Didier Max, desenvolvimento do portal digital

Gilberto Lacerda Santos, coordenador geral e curadoria

Heloisa Rocha, realizadora do podcast

Letícia Brasileiro, criadora da estampas e esculturas

Maylena Clécia, fotógrafa e designer

Tarcísio Paniago, fotógrafo

Toni Cutolo, expografia

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) de acordo com ISBD

L539 Lelé em Brasília: reverberações do trabalho de um arquiteto construtor/ Adalberto Vilela, Gilberto Lacerda Santos, organizadores — Brasília: Viva Editora, 2023.

220 p. ; il.

ISBN: 978-65-87064-24-6

1. Arquitetura — Brasil 2. Divulgação científica 3. Arquiteto I. Título II. João da Gama Filgueiras Lima III. Adalberto Vilela IV. Gilberto Lacerda Santos V. Fundo de Apoio à Cultura do Distrito Federal (Brasil).

CDU —72:929

Elaborado por Charlene Cardoso Cruz — CRB1/2909

AGRADECIMENTOS INSTITUCIONAIS

Rede Sarah de Hospitais de Reabilitação Associação das Pioneiras Sociais

Associação Portuguesa Brasília (APB)

Instituto de Pesquisa João Filgueiras Lima

Instituto Moreira Salles (IMS)

Este projeto de educação e divulgação científica foi realizado com apoio financeiro da Fundação de Apoio à Pesquisa do Distrito Federal (FAPDF). No ano de 2021, recebeu apoio financeiro pontual do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) para ser apresentado na 10ª. edição da Semana Nacional de Ciência e Tecnologia. Foi realizado no âmbito das atividades do Laboratório Ábaco de Pesquisas Interdisciplinares sobre Tecnologias e Educação, vinculado ao Departamento de Métodos e Técnicas e ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Faculdade de Educação da Universidade de Brasília

 museuvirtual.unb.br

Realização



Ábaco



UnB



LALETÁ

Apoio



Secretaria de
Cultura e
Economia Criativa







museuvirtual.unb.br

